

Barcos sem pescadores

— Fugiu da missa, seu Cristóvão!

De voz erguida, era a mulher.

— Achei mais interessante caçar do que rezar.

— To vendo o quanto rendeu a caça: um pobre veadinho argentino.

— Onde está o outro cusco, Nélio? Outra dia, ele matou a fome com meus ovos.

— Pois nem queira saber onde está o pobre animal, dona Lisandra. Teu marido errou a caça e acertou meu cusco caçador.

— Sabia que não ia acabar bem. Fugiram, da obrigação com Deus e ele oh! Na cabecinha de dois pecadores. E por favor, não me venham tirar o couro do bichinho aqui no meu pátio. Acho melhor se mandarem até a sanga pra fazer o serviço.

— Tá bem, dona Lisandra, alcança alguma faca.

Enquanto ela dava as ordens, Cristóvão não retrucava. Acompanhou quieto o amigo na direção da água corrente. Enquanto o couro tenro do pardinho era esfolado palavras de espanto iniciaram outra conversa.

Barcos sem pescadores



Agostinho Both

Barcos sem pescadores

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

1ª edição – 1ª impressão – julho, 2017.

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Corrigido pelo Autor: 13/06/2017

B749b Both, Agostinho

Barcos sem pescadores [recurso eletrônico] / Agostinho

Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

1,7 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-295-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
PRA INÍCIO DE CONVERSA	7
UM MORTO NO RIO	8
INÁCIO, O INVESTIGADOR	12
OS ANOS NÃO SENTAM PRA DESCANSAR	15
CONFISSÃO DE LISANDRA.....	19
DESGRAÇA É POUCO	23
CONFISSÃO DE CRISTÓVÃO	26
O RIO SALVA O PESCADOR	31
ANTUNES EM NOVO HAMBURGO.....	38
RIO FUNDO ENTRA EM FALÊNCIA	42
APARÍCIO PROMETE JUSTIÇA	46
UMA AUSTERA CONVERSA.....	49
AS COISAS SE PRECIPITAM	51
E NA HORA DE NOSSA MORTE	54
LISANDRA NÃO CHORA MAIS	59
UM PEITO FURADO.....	62
PICOLI: UM SONHO LONGO	66
PICOLI A CAMINHO.....	69
LISANDRA NARRA A MORTE DE RIO FUNDO	73
O PICO E O DELEGADO	79
LISANDRA EXPÕE MEMÓRIAS E OPINIÕES.....	84
MAIS UM MORTO DESCE O RIO	87

PRA INÍCIO DE CONVERSA

O romance Rio Fundo, uma ficção, busca traduzir a extinção de pequenas comunidades rurais, no caso, sociedades organizadas em torno de capelas com diferentes denominações religiosas e escolas na origem, mantidas pelos sócios. Estas sociedades mantinham os costumes fortemente formados em torno de princípios rígidos: cidadãos gerando trabalhadores confiáveis. As mudanças sociais e, principalmente econômicas, começaram a diminuir os vínculos levando a população para outros lugares e os jovens a se urbanizarem. Normas menos rígidas em torno da educação, a facilidade de transporte, enfim, a modernização desmanchou a coesão e o ordenamento social existente. Muitas dessas comunidades, com marcas específicas, sofreram a morte comunitária mais que outras. O romance Rio Fundo revela de maneira trágica, o fim de tais organizações sócio-históricas, pois sua pobreza maior levou a que os moradores buscassem outro e urgente destino familiar e social. Os filhos, por falta de terra, buscavam outros lugares. Em Rio Fundo, pela maior pobreza dos pais, a vida se tornou insustentável e a orientação de poucas opções. As trocas com a Argentina atravessadas pelo Rio Uruguai, minimizavam a pobreza. Contrabandeavam-se produtos praticando contravenção. Assim que este ciclo das trocas comerciais chegou ao fim, os moradores sofreram de forma dramática as perdas da coesão social e dos costumes.

O texto pretende ser uma homenagem aos descendentes de imigrantes. Eles sofreram exploração social de toda ordem: por particulares detentores de maior poder ou pela ausência de políticas públicas. Entretanto, lutaram com dignidade, mas alguns apelaram para crimes e contravenções na busca de sobrevivência.

O relato tenta mostrar a dura realidade social, ainda que ficcional. Se houver qualquer aproximação com os fatos reais, é mera coincidência. A criação literária se torna apenas instrumento distante do real sofrimento de Rio Fundo e de outras sociedades coloniais imigrantes, início heroico de um Rio Grande trabalhador.

UM MORTO NO RIO

No meio do Rio Fundo, águas quietas no cair da tarde. Nico pescava, um olho no rio Uruguai e outro no céu. A noite deitava ligeira. Seu companheiro de pesca, o professor Inácio, viu algo estranho descendo do rio.

— Estou olhando esse tempo. Pescar nessa noite não foi boa escolha, professor.

— Tu estás vendo as nuvens feias e eu estou vendo algo vultando no rio. É gente!

— Vira esta boca pra lá, professor Inácio.

— Vou tirar a poita da água, Nico.

— Se não é gente morta é o tempo que nos apura.

— Meu Deus! É o índio Raimundo.

— Puta merda! Bela pescaria!

— Vamos levar o traste até a barranca — falou Nico.

— E logo se encostando em nossa canoa.

— Foi matado, suicídio ou afogado? Encosta a canoa de lado, professor. Faz favor.

— Que serviço, meu Deus!

— Assim está bom. Acho que se afogou, mas quem vai dizer é o necrotério de Santa Rosa, pra ver se o índio bebeu água ou foi assassinado.

Nem bem Inácio concluíra as palavras quando estrugiu um trovão, brilhando cores nas árvores.

—Vamos avisar o delegado que transportar o morto não é coisa pra mim.

— Quem é que vai falar pra Lisandra ir de carro até a cidade? falou Nicolas.

— E quem é que diz que ela vai?

— Ela é osso duro de roer, mas tem bom coração. Ela conhece o índio, afirmou Nicolas

— Conhece, mas não vai deixar de pedir a corrida.

— Que cobre do Aparício. Era o Nicolas.

— Vai você, que eu fico velando esse pobre diabo, instou o professor.

— Prefiro. Vê, professor, se consegue fechar o olho esquerdo do morto.

Feitos os procedimentos demorados da justiça e do IML veio o vigário para benzer o corpo: demonstração de solidariedade da Igreja. O sermão foi breve. O vigário, padre Leopoldo, disse rapidamente:

— Ninguém para chorar o pobre homem, ninguém para consolar. Viveu de peixe e de favores. Se amou ou foi amado, não sei.

O padre pediu pro Aparício a que dissesse alguma palavra sobre o falecido. Pondo o chapéu sobre o peito, o caboclo externou—se muito acanhado:

— Fazia mais de semana que não via o Raimundo. Veio até minha casa pedir um punhado de farinha de milho. Pediu uma enxada nova pra cavoucar minhoca e capinar um eito do meu milho plantado. Dei uns pila adiantados. Como sempre, andava calado. Voceis todos sabem que ninguém imagina donde veio. Apareceu de dia pra noite faiz uns deiz anos. Não tava bêbado. Morreu quieto como viveu. Sempre caladão. Jeito distante de índio. Ninguém pode dizer isso “aqui” dele. Mais não sei o que dizer.

Rezaram uma Ave Maria e depois deitaram o corpo na igrejinha. Serviu de proteção umas tábuas pregadas. Um tampo com cruz pintada de cal foi o sinal do cristão. “Só Deus pra acompanhar o índio velho” pensou o padre.

O professor Inácio se mordida de curioso pra saber a razão do padre acompanhar o enterro do corpo do índio velho. Achou apenas de dizer ao padre, pelo Cristóvão do ônibus, que enterrariam o pobre índio

às 17h do dia seguinte. Nem acreditou que o motorista daria o recado ao padre.

Noutro dia, feito um canto de um miserere e posta a última pá da terra ainda molhada da chuva feia do dia anterior, Inácio dirigiu-se até o vigário:

— Que bom que o senhor veio, padre Leopoldo.

— E por que não haveria de vir?

— Não sabemos nem se o pobre homem era batizado.

— Isso é uma questão que a comunidade de Rio Fundo deveria ter sabido.

— Fomos mal. Ninguém dava bola pro pobre pelado.

— E ele, como vivia?

— De biscate. O senhor sabe que um bom remador sempre pode sobreviver aqui deste lado do rio. Ainda mais trazendo farinha do outro lado. Também limpava uns roçados. Aqui ninguém passa fome com um anzol.

— De onde ele veio?

— Ninguém nunca soube. Veio se quebrando pelos matos e pedras da costa.

— Era guarani ou kaingangue?

— Vai saber, padre. Não sei se veio do toldo Guarani de São Miguel ou se da Guarita, cheia de kaingangue. Acho que se perdeu e veio vindo. Por fim, se encostou perto da casa do Aparício. Este também não sei se não tem sangue de índio pela cara que tem. O que é verdade é que vão sumindo. Esta costa está cheia de potes indicando a presença antiga deles por toda a região.

— Do jeito que o mundo vai, daqui a pouco também em Rio Fundo não vai ter mais ninguém.

— É uma profecia ou apenas uma opinião?

— Nem profecia nem opinião. É a certeza em razão das rápidas mudanças.

— E daí?

—Veja, professor Inácio, ainda ontem não assaltaram dois canoeiros roubando a farinha? Ou seria pessoal da polícia? Quem me diz que os mesmos que roubaram não ameaçaram o índio? Sei de um bom canoeiro não querer trabalhar para um poderoso de Rio Fundo. Não seria o índio este canoeiro? Ouço conversas de gente não sobreviver com os poucos recursos vindos do chibo. Não é verdade? Do mesmo jeito dos índios me parecem os acontecimentos de agora. Existem aos montes, artefatos indígenas ao longo da costa e daqui a vinte anos a gente vai encontrar machados, enxadas e arados enterrados. Ninguém sabendo mais sobre os últimos colonos.

—Vou me esclarecer melhor. Voltaremos a este assunto. O senhor me despertou pra ver melhor o que está acontecendo em Rio Fundo.

—A começar por Aparício e o Raimundo. Procura saber quem anda roubando dos pobres chibeiros.

INÁCIO, O INVESTIGADOR

O dia nasceu chuvarento. O professor decidiu encurtar as aulas, soltando os alunos depois do recreio. Riu-se ao pensar: “soltei a gurizada como se estivessem presos.” Estavam indóceis. Só falavam da morte do índio. Ouviu num relance do pequeno Chisleski:

— Papai vai pra Novo Hamburgo.

— Então o padre Leopoldo tem razão: vai ter arado enterrado — concluiu. Dirigiu-se às pressas até a casa de Lisandra, a taxista.

Ela sabia de todas as ondas de Rio Fundo. Andavam no meio da conversa:

— Tu me pergunta, Inácio, se o índio morreu afogado ou assassinado? Vou te dizer que foi suicídio. Ele já andava jururu e não precisava muito para que se atirasse na água. No barco encontraram uma garrafa de canha vazia. Pescava bêbado, caminhava bêbado, chibeava bêbado. Nunca viram perder o prumo. Acho que assustaram muito o homem.

— Quem?

— Os mesmos mal encarados que andam roubando de chibeiros pobres.

— Mas e daí? Ele não foi roubado?

— Se diz por aí que ele não entregaria pra ninguém o que trazia pro patrão dele, o Aparício. Pergunte a ele o que os estranhos falaram pro índio. Esses valentões desconhecidos prometeram fazer maldade das grandes: disseram que iam comer o cu dele.

— É preciso saber quem são esses desgraçados.

— Desgraçados é pouco. Professor, converse com o Aparício pra saber mais.

Como aqueles que têm grave decisão não descansam, Inácio não descansou. Ouviu ainda da esposa Valentina:

— Por que tá metido atrás da morte de um índio? Não tem mais o que fazer? O Cristóvão esteve aqui e disse que está disposto a levar umas cinco bolsas de farinha pra Santa Rosa. O dinheiro de professor tá no fim. O Pico, você sabe, não gosta de vender fiado.

— De noite vou ver isso. Sei cuidar de meus filhos, mulher!

Saiu sem mais outra preocupação senão a de conversar com Aparício, velho companheiro de chibo e pescaria. E como andava perguntando demais, cogitou: “vou aclarar a ideia pra saber quem é o tal de Raimundo.” Como dizia o irmão Frederico, em Cerro Largo: “quem é que sabe o que acontece do outro lado da lua, se deste lado se vê tão mal”?

Aparício tratava um porquinho e um cachaço trazido do outro lado.

— Daí seu Aparício?

— Que boa visita é essa? Não será pro índio trazer farinha?

— Este não rema mais. Deixa que isso eu mesmo faço, ainda hoje.

— Então que será? Senta aí. O toco é meu sofá.

—A morte do índio me incomoda, Aparício. Foi afogamento como diz o documento final?

— Foi afogamento de propósito. Ele se matou de medo. Mataram o índio de susto. Foi então, suicídio, afogamento e assassinato.

— Tanto medo?

— Medo, muito medo. O pobre, últimos dias, apavorado. A cabeça era feita de medo. A tribo de São Miguel sempre o assustou. As histórias contadas em sua casa sempre enchiam o peito do infeliz. Veio fugindo até o rio acalmar o pobrezinho. Nem sei por que o consolei tanto. Pro senhor saber, professor, acho que até parente o Raimundo era. Vim também daquelas bandas, trazido por meu pai. Mistura braba de índia e um descendente português. A caboclada veio daí. Vim meio guaxo. Me sobrou este cantinho de seis hectares prum milhozinho e mandioca. Tenho o suficiente aqui mais os chibos que faço. Agora vem esta história de a gente ser perseguida por uns cabra mau. Meteram medo no

Raimundo. Eu mesmo vi ele falando com eles. Ele disse que só trabalhava pra mim. Depois disso não teve consolo. Foi direto pro rio correndo. O senhor e o Nicolas acharam o pobrezinho. Tenha Deus a alma assustada do miserável.

— De olho, então, nessa gente. Mas que tem mandante, ah! Isso tem! E acho que é de perto.

OS ANOS NÃO SENTAM PRA DESCANSAR

Os anos se iam e as gentes de Rio Fundo também. Fenômenos de maus presságios já chegavam de tempo. Bem que o padre Leopoldo alertava a população. Mais que vigário, era um sociólogo e assistente social. A costa do Uruguai começou a sofrer ameaças chegando de muitas distâncias. Quem se habilitasse de morar como ribeirinho, já vinha perdendo muito. Disso padre Leopoldo entendia muito bem. Professor Inácio é quem podia dizer, assim como Lisandra, a mulher do Cristóvão, o motorista de ônibus. As tensões do entendimento formigavam numa conversa dos três debaixo de um cinamomo: lugar da parada do ônibus depois das cinco da tarde. Lisandra, mulher de ter na mão todo o acontecimento, pois dele se alimentava como se fosse comida de espírito.

— Pois é, padre Leopoldo. O senhor anda vendo coisa ou tem fundamento o o medo sobre a gente daqui?

— O que penso é sobre toda a costa. Tem farinha brasileira já competindo com a farinha argentina. Já não se leva tanto dela pra Santa Rosa. O material de limpeza se encontra de bom preço por essas bandas também. A coisa pros chibeiros anda meio escassa e da terra a pobre gente não tira grande coisa. Perdeu-se o costume dela.

— De fato, sobreviver sobre as pedras não é tarefa fácil. Viver do miúdo também se vive. A pesca é pouca e pouco o chibo. Mas pra alguns tá rendendo. Até eu, com salário atrasado, estou conseguindo sobreviver. Mal, mas sobrevivendo — se queixou Inácio.

— Eu, como taxista, venho observando que essa gente da costa, de origem alemã, italiana e polonesa e os caboclos, faz tempo, vêm perdendo o jeito de trabalhar. Até alguns eitos bons de se cultivar andam inçados. Se era mais fácil ganhar numa noite no rio do que num mês de trabalho na roça, por que trabalhar?

— Conta Lisa, o que ouviu ontem no táxi — falou Inácio.

— Foi assim, ó. Estava levando um casal pra visitar a filha em Santa Rosa. Andavam com uns pila no bolso e não queriam ir com o Cristóvão. Entregaram as terras pro Pico.

— Quem é Pico? Perguntou o padre.

— É o apelido de Alfredo Mirandola, conhecido como o imperador dos pobres. Mas isso só é dito em boca pequena.

— Deixa eu continuar a história - pediu Lisandra — o casal não possuía dinheiro pra pagar as prestações ao Banco da Terra. Como o Pico detinha um contrato de gaveta, comprou as terras. Dessa maneira, comprou de vários ribeirinhos que começam a se mudar pras colônias velhas: Novo Hamburgo e outros lugares, atrás de trabalho. Vão ver uma casinha por lá pra trabalhar numa indústria calçadeira. Se tantos se mudarem vou acabar sem passageiro.

— Conheço muito esta história... Interveio o padre. Duvido que se acertem com o trabalho. É uma atividade complicada pra quem não está acostumado. Levantar ainda de madrugada. Oito horas de um trabalho cansativo e repetitivo. Onde o chimarrão debaixo dos cinamomos? Onde o peixinho ao anoitecer? Onde o chibo? Onde as conversas da costa, cheias de novidades?

— Aqui as crianças matam a fome até com passarinho quando fazem o caminho da escola. Eu acho que é uma mudança muito grande pra ser bem vivida. Uma vida provisória pra uma vida cheia de mandos. Dureza e obediência não é pros ribeirinhos. Mas como a carência é grande pode ser que alguns suportem em nome dos filhos. Vamos ver, vamos ver — o padre finalizou — vou preparar meu sermão. Deixa eu ir pro Alecrim.

— E eu pra minhas aulas.

— Eu vou limpar as velas do meu cavalo — brincou Lisandra referindo-se à sua Vemaguete.

Mal extintas as vozes, quando roncou o ônibus do Cristóvão. Saiu rindo ao mostrar um presente pra Lisandra e uns bombons pras crianças.

Lisandra, por saber que ele era cheio de manhas com passageiras, alertou:

— Tudo isso pra disfarçar?

— Que é isso mulher?

— Quem não te conhece te compra por santo. Mas não inventa. Tu me conhece, homem.

— Então é assim que me recebe? Venho ouvindo misérias na ida e na volta. Você acha que existe tempo pra olhar pra uma mulher nestas estradas cheias de buraco? Faz troco pra um, faz troco pra outro. Mesmo aí no açougue, antes de descer todo perau, parei pra eles comprarem uma carne. E eu trouxe a nossa. Isso que vim correndo pra me escapar da chuva.

— Deixa pra lá, veio!

— E ainda ser tratado de veio. Você sabe, ainda não perdi minhas valentias.

— Tá certo, home forte. Mas inventa de mostrar tua valentia pra outra!

Aí chegou o Nélio, saudando o companheiro de caçadas.

Não cabia dúvida na troca de olhares entre os dois. Lisandra percebeu um segredo entre eles. Ela não deixou por menos e partiu pra cima de Cristóvão. Nem bem haviam entrado em casa, veio a descarga.

— Vocês dois não me enganam. Você com essa cara de fuinha malandra e ele veterano em trair a mulher. Pode abrir a jogada.

— O que é isso mulher?

— Eu vi a troca de olhares de vocês dois.

— O que você viu não existe. Ele me olhou daquele jeito pra dizer que o homem que nos denunciou da morte dos dois veados ainda estava perto do ônibus. Nada mais.

— E o que tem a polícia com a morte de dois veadinhos que era carne dura que uma pedra?

— Só pra ver, querida. A inveja anda solta em Rio Fundo. E os filhotes como estão?

— Bem, o Roberto se nega a obedecer.

— Ele vai se haver comigo.

— Já castiguei. Mandeí buscar uma vara fina e já dei uns laços.

— Esses dias fiz ele dormir no ônibus por respondão que é.

— Não faz mais isso, ele tá tossindo até hoje. Puta merda! Minha mãe dizia que filho de pobre é a riqueza de Deus. Ele fica rico e a gente sofre.

— Pra frente é que se anda. E os outros três?

— Só o vizinho Wairich veio encher os tubos da pequena Amélia.

— O que foi?

— Ela xingou o cusco dele quando corria atrás das galinhas. Ele mandou que eu prendesse as galinhas. Ela mandou ele cuidar do que é dele. Aí ele desaforou.

— Não aceito que xingue meus filhos. Esse cara é um desgraçado. Anda irritando todo mundo. Qualquer dia dou um tiro nos zóio dele que é pra não estragar o couro. E o Antônio onde está que não vi?

— Foi pescar aí na sanga, lá pras lados do potreiro do seu Chekov.

— Não sei... Esse guri só quer saber dos peixes da sanga lá pras bandas do bolicho do Chekov. Você conhece a filha do Chekov, uma beleza, e o guri já anda esperto. Não quero me incomodar tão cedo.

— Calma, bem. Também não é pra tanto. Vai lá que o Nélio quer ver contigo a próxima caçada. Não demore! Estou de olho e especulo tudo. Me parece muito malandro pra ser boa companhia.

— Você está muito ciscada, mulher!

CONFISSÃO DE LISANDRA

As dores se somavam. Sozinha pra educar os filhos foi ter com padre Leopoldo. Primeiro confissões, depois missa. Lisandra sentia o peso da vida: filhos, quatro, não é tarefa pra qualquer uma. Sentia-se um tanto severa vendo que a pedagogia da vara já não lhe dava suficiente satisfação, mas era o que aprendera em sua casa. Escreveu não leu o pau comeu. Sentia olhares insatisfeitos nos filhos que cresciam. Pensava então: insatisfeitos hoje, mas amanhã agradecem. Antônio mostrava-se abatido e resistente aos apelos de estudo e trabalho. Nada melhor que conversar com o padre para pôr um pouco de Deus no seu corpo. Ria alegre entre as companheiras, mas sua gasolina não estava limpa. O motor soltava fumaça. “Confessar faz bem pra limpar a alma” convenciasse. Assim fez:

— Peço perdão a Deus e ao senhor, padre. Eu me perdi, irritada, quando o piá em vez de limpar os inços num pedacito de terra, dormiu debaixo de uns pés de mandioca. Dei no lombo com a enxada. Foi além da medida. Chorei, vendo meu piá chorar. Algo me diz padre: esse guri tem tristeza no corpo. O Cristóvão põe-me nos nervos. Estou desconfiada de meu marido. Ele tá com cara de fuinha malandra. — Te conheço, filho da mãe — eu disse pra ele. Ele ajuda o suficiente e até rosas recebi. Balanço entre a dúvida e a certeza de fidelidade. O meu peito, embora valente, está derreado.

Padre, vim me confessar para que meus pecados sejam perdoados e tenha um pouco mais de paz.

— Quais os pecados?

— Esses que eu disse. Estou duvidando até de Deus. Me sinto mal em Rio Fundo. Isso não faz bem pra mim, muito menos pros meus. Me sinto mal na educação com os filhos. Estou cada dia mais nervosa. Estou desconfiada de meu marido. Parece que é má vontade minha, mas tudo parece contra mim.

— Vamos por partes, Lisandra. Por que você não se sente bem em Rio Fundo? Ter problemas em casa e mostrar o que aflige é normal. Mas mal em Rio Fundo?

— Acho tudo às avessas. Parece que Deus sumiu, faz alguns anos. Não sei medir quanto tempo. Se foram muitos verões e muitas geadas. Lembro dos colonos de minha infância, lá na Divisa, indo de mudança pro Paraná. Aquilo era mudança. Caminhões cheios de armários, camas, fogões, animais, roupeiros, uma fortuna. Havia uma fartura em cima dos caminhões que se iam. Aqui, padre, me dá uma tristeza grande de ver os caminhões. Indo mudanças de duas ou três famílias e o que se vê é só porcaria. Parece que a costa só produz miséria. Me dá uma dó de ver essa gente buscar a sorte em Novo Hamburgo, São Leopoldo e outros lugares. Quando os alemães vieram, quase cem anos atrás para o Rio Grande, eles vinham com sonhos, agora, se vão sem esperança. Vão trabalhar nos calçados. A maioria sai quase sem dinheiro. As sonhadas terrinhas ficaram nas mãos do Pico e de algum lá do Alecrim. Outros entregaram as terras com rancho e tudo pra pagar as contas de gastos já feitos. Alguns se mandaram por falta de recursos pra pagar o Banco da Terra. Cada mudança carrega trecos e trapos, bem diferente dos caminhões da Divisa. Estes se iam pra Santa Catarina e o Paraná.

— Qual é o teu pecado nisso que vês?

— Meu pecado é duvidar da bondade de Deus. Se Jesus veio pra salvar, então, acho que ele não tá vendo o que acontece em Rio Fundo.

— Não pense assim, Lisandra. Ele vê, mas deixou escrito sobre o amor. Todos sabem qual é o caminho bom. Ele deixou bem claro, mas são os homens e as mulheres que sufocam uns aos outros. Essa é que é a merda. Desculpe a minha falha.

— O Pico e o Viro, mais alguns, são uns filho da puta pelo mal que fazem. Essa pobre gente só falta dá o cu pra eles. Perdão, padre, saiu também sem querer. Os colonos até já estão dando as filhas pra ter alguma vantagem.

— Deixa pra lá. Estou contigo, filha. Também sofro por tudo que vejo ao longo da costa. Faço a minha parte contando com Deus pra que veja o melhor pra esta gente. Aí um pouco de esperança faz bem. O que você não pode, filha, é pecar contra o Espírito Santo perdendo a esperança. Essa onda migratória vai passar. Rio Fundo ficará bem novamente.

— Como já confessei, estou pecando contra meus filhos. Eles estão me irritando por qualquer coisa. Já me disseram que conversar é melhor. Também não consigo confiar em meu marido. Acho que estou sempre no caminho errado. Tenho mais pecados, mas não lembro.

— Não te judie assim, Lisandra. Pelo que conheço de teus filhos, eles são admirados pela educação. Acho que você está exigindo muito das crianças por medo de se tornarem incapazes de serem confiáveis para o trabalho e para a honestidade. A costa vive muito de contravenção. É verdade, é muito difícil viver bem com pouca terra e muita pedra. Acontece, então, de você ser austera exigindo uma educação muito certa. Com amor e conversa se vai mais longe. Vai em paz, teus pecados estão perdoados. Como penitência, dê um abraço e um beijo forte nos teus filhos e ame teu marido sem desconfianças. Peça a Deus com uma boa oração para te tornar mais suave com todos.

— Agora me conte sobre os ataques aos chibeiros. É verdade que a polícia anda batendo firme em barcos que trazem farinha do outro lado?

— É verdade. Mas desconfio. A que tudo indica não são policiais. Usam uma linguagem muito baixa. Tem mais jeito de serem uns capangas mandados. Ou vêm da parte de Pico ou é gente de Santa Rosa. É engraçado. O barco é ouvido somente nas horas em que a gente daqui traz a farinha. E o ataque somente ocorre contra os mais fracos. Ninguém ataca o professor, por exemplo. Falo do professor não para acusar ele.

— Ouvi dizer que o Inácio não recebe o salário do magistério, sendo esta a razão de sobreviver com este vai e vem de produtos. Desculpe, tem mais uma pessoa pra confessar.

— É a velha Cunhaski. Atende bem que aí mora o sofrimento.

Depois veio a missa. O sermão foi de ressurreição. Deixou o povo estranhando: de que adianta Cristo ressuscitado se não ressuscitamos? A ressurreição de verdade acontece em casa e em Rio Fundo. As palavras de Cristo ressuscitam quando praticamos o bem que anda meio caído. É bonito ver Maria na manhã de domingo buscar o Senhor. Mais bonito é acolher sua palavra a cada instante. O resto pode ser sonho. Anunciou também que sairia da paróquia.

Todos sabiam haver uma mulher tentando o homem. E tentação naquele calor não é pra qualquer um. — Melhor é correr — falou-lhe o bispo.

Lisandra saiu aliviada por dizer as dores. Mais por saber de um padre cheio de compreensão. Foi rezar, mas estava complicado. Eram onze da manhã de um sol feito uma brasa sobre a igreja cheia de gente. Um ar úmido, sufocante, subia do Uruguai. Tentava orar pra cumprir o devoto propósito. Não conseguia. Quando o professor Inácio começou a cantar no início da missa, mais se distraiu. Cantava mal o homem. O pai dele, diziam, cantava muito bem, mas os filhos miavam. O canto nunca entrava no tom certo. Ainda bem que a esposa, de uma voz sonora, punha o canto na linha. Valentina era de voz firme. E depois, a cerimônia continuava naqueles momentos já definidos. Sabia de cor cada palavra. Perguntava-se, então, se Deus não enjoava de ouvir em todas as missas as mesmas palavras, ditas sem muita devoção. Era um ritual sem ternura. Era pra matar o filho de Deus e os fiéis.

Lisandra chegou em casa perguntando pelo Cristóvão:

— Cadê o pai?

— Ele ia atrás da senhora pra ir à missa, aí apareceu o Nélio convidando ele numa caçada.

— Os filhos da mãe preferem matar veado em vez de rezar a Deus.

— Mãe, ele pediu pra avisar a senhora — completou Amélia, defendendo o pai.

— Eles vão ouvir um sermão na volta. Lembrou o pedido do padre. Pensou: “Tá bem, vou dar um abraço no filho da mãe, mas é complicado amar gente irresponsável”.

DESGRAÇA É POUCO

Lá se foram “os filhos da mãe” muito animados. Os cachorros do Nélio sabiam das intenções, mal segurando a animação. O mais agitado era Cristóvão. A caça apenas era uma pretensão. Não suportava mais o peso e o volume da angústia no peito. Faria tudo pra agradar o companheiro. Este deveria ajudá-lo a sair de uma situação na qual se enfiara. O amigo, porém, estava apenas voltado para os veados. Remava feito um fugitivo.

— O Hilebrand me avisou dos veados. Falou de uns animais do tamanho de um terneiro.

— Ele é muito exagerado — contrapôs Cristóvão.

— Ele exagera nas pescarias, mas não nos veados. A costa da Argentina está cheia deles.

— Sei das pombas, chegando a tapar o sol, mas de veado, duvido.

— Vamos ver pra crer.

— Reparou, Nélio, como o rio está alto?

— Mais pra cima choveu muito.

— Não só pra lá. As roças estão verdes. E os pardos saem dos matos. Não me contento com pouco, pelo menos uns dois.

— Você e o Hilebrand são parecidos.

— Acha que estou inventando?

— Apenas um pouco.

De fato, o Uruguai se erguera. Se chovesse um dia a mais as várzeas se encheriam de água. A gurizada se divertiria. Até à unha o Roberto já havia pego um pato distraído.

Nem bem o barco encostara, já os dois cachorros saltaram em terra firme. Foram, depois de amarrar o caíque, até à casa de Hilebrand levando uma canha do alambique do seu Escobar. Ao ver a garrafinha dourada nas mãos de Cristóvão o homem se assanhou todo.

— Os veados andam soltos aí no mato, senhor Hilebrand. — comentou Cristóvão.

— Pelo jeito dá pra levantar algum, con tus perros assassinos.

— Assassino é o Nélio. Mas não dá pra negar: o Vinagre e o Nero correm bem. Principalmente o Nero. É uma fera atrás de um veado.

Saíram ligeiros na direção do mato grande. As melhores árvores já haviam sido abatidas, levadas ao Brasil pra serraria do Funghetti.

— Olha aqui, Nélio, o rastro.

— E o bicho não é pequeno.

— Vamos levar os cachorros por aqui. Deixa eu na frente. Dentro de meia hora me ponho no trilho dele. Já conheço o caminho dos animais. Aí você solta eles, Nélio.

Assim foi. Nelio, porém, não se manteve quieto: amarrou os cuscus num tronco e foi examinar a entrada atravessando a barra da mata. Um veado à distância de trinta metros olhou-o assustado. Foi o último olhar. Ribombou o tiro. O animalzinho de um quinze quilos foi erguido molemente pelas mãos do matador:

— Belo bichinho, anda gordinho neste início de verão — resmungou.

Foi até os cachorros e os soltou. Tomaram a trilha do veado adulto. Cinco minutos depois iniciou a cantoria fina da perseguição. Quase um trinado. Ouviu-se o estouro, nada mais. Os latidos estridentes, ritmados, silenciaram. Nélio deitou o animalzinho que estendeu o pescoço na forma da moita. Onze horas da manhã. O sol fazia brilhar o pelo pardo. Nélio começou a apurar o passo na direção do tiro. Avistou Cristóvão fazendo sinais agitados. Quando pouco mais próximo, ouviu-se, em tom de desespero:

— Homem do céu! Homem do céu! Matei o Nero. Ele vinha encostado no veado.

— Não é possível!

Um silêncio sem destino.

— Desculpa, mil desculpas, cara.

— Vamos pra casa. Acabou a caçada. Tudo bem, concluiu Nélio.

Um silêncio devastador se fez na travessia. Somente o Vinagre achava tudo normal. Ele não sabia fazer contas. Foram pra Argentina em dois e voltou solito. Poderia estranhar se soubesse diminuir. Por isso, era o único que voltava apenas olhando o Uruguai como se nada tivesse acontecido. Nem ao menos o veado morto, estendido sobre o fundo do barco, chamava atenção. Maior constrangimento se precipitou sobre Cristóvão e Nélio ao chegarem debaixo do conhecido cinamomo

CONFISSÃO DE CRISTÓVÃO

Os dois homens, ao adentrarem no pátio de Cristóvão, sentiram um tempo difícil.

— Fugiu da missa, seu Cristóvão!

De voz erguida, era a mulher.

— Achei mais interessante caçar do que rezar.

— To vendo o quanto rendeu a caça: um pobre veado argentino.

— Onde está o outro cusco, Nélio? Outra dia, ele matou a fome com meus ovos.

— Pois nem queira saber onde está o pobre animal, dona Lisandra. Teu marido errou a caça e acertou meu cusco caçador.

— Sabia que não ia acabar bem. Fugiram, da obrigação com Deus e ele oh! Na cabecinha de dois pecadores. E por favor, não me venham tirar o couro do bichinho aqui no meu pátio. Acho melhor se mandarem até a sanga pra fazer o serviço.

— Tá bem, dona Lisandra, alcança alguma faca.

Enquanto ela dava as ordens, Cristóvão não retrucava. Acompanhou quieto o amigo na direção da água corrente. Enquanto o couro tenro do pardinho era esfolado palavras de espanto iniciaram outra conversa.

— Estranhei você ficar quieto enquanto tua mulher ditava o verbo — brincou Nélio.

— Você nem sabe a metade da missa.

— É claro, você fugiu dela.

— Não é por aí.

— É por onde?

— A coisa é grave. Estou desesperado. Acho até que matei o cachorro de puro nervoso.

— To te desconhecendo.

— Nem eu me conheço. Estou como rato metido em guampa, homem! Sabe, Nélio, a filha da velha Gertrudes...

— Vai dizer que está apaixonado?

— Pior, bem pior. Engravidei a guria.

— Agora me caiu o calção.

— Pelado to eu. Se a Lisa souber ela me mata. As crianças vão me odiar.

— Como fazer pra Lisandra não saber? — refletiu Nélio

— Aí é que é!

— Cuidado, tá deixando muita carne no couro.

— Quem vai me tirar o couro é ela. Então o que fazer?

— Segurar a boca da velha Gertrudes — decidiu Nélio.

— E a Vivian, a guria que mora em Santa Rosa?

— Também.

— Como, Santo Deus?

— Nunca deixar as duas com mágoa.

— As duas já disseram que a criança deve nascer. Também concordei.

— Querem muito a criança?

— A Vivian quer um bebê que tenha minha cara.

— Que mau gosto o dela!

— Não é hora pra brincar.

— Já sei, então. Fazer de tudo pra criança. Ela é tua salvação, Cristóvão.

— Ela está apaixonada?

— Diz que pra ela chega um pedaço de mim.

— De fato, mulher é bicho sem noção quando se apaixonou. Desculpa, mas você também foi sem noção. Quanto tempo dura isso?

— Faz oito anos.

— Oito? Como conseguiu esconder?

— Aprendi como motorista... Sempre quieto, mesmo vendo todas as coisas. E ultimamente vejo cada coisa!

— Mas quando se encontrava com Vivian?

— O que fazer do meio-dia às quatro da tarde em Santa Rosa?

— Você vai sempre atender duas coisas, homem.

— O que?

— Você sabe: mulher é bicho sensível. Não poderá decepcionar nem a Gertrudes, nem a Vivian. Também deverá ser gentil em casa que a Lisa não deixa por menos. E como sustentar as duas famílias?

— Apenas vou cuidar da criança. Espero que tenha saúde.

— Deus te ouça. Que Deus te dê meio metro de boca e braço pra só dizer e fazer coisa boa. Reze, homem, que o diabo já te aprontou.

— Você me ajuda, Nélio?

— Em quê?

— Pega tua caminhonete e encha de galinha. Mandei fazer um pequeno galinheiro nos fundos da casa de Vivian. Como ela mora longe do centro isso é possível. Te digo onde é e me deixe lá umas trinta delas.

— Cruze, homem, você se meteu com uma mulher ou com uma raposa?

— Já te falei, a coisa é séria. Quando levar a farinha pra Santa Rosa, leve também um saco pras duas. Tome nota que não vai se arrepender.

Enquanto a conversa se estendia a operação em torno do veadinho não foi a melhor. Por fim, todo retalhado, pouco mais havia do lindo bichinho.

— Não sobrou quase nada — reclamou Nélio.

— Nem tenho coragem de pedir pra Lisa fazer o favor de preparar. Leva ele contigo homem.

Subindo o cerro chegaram até a casa. Lisandra, contrária ao seu costume, não os esperou. Estava na casa da vizinha levando consigo os quatro filhos.

— A Lisa não desconfia de nada, Cristóvão?

— Está trocando as orelhas feita uma lebre desconfiada. Já me fez passar vergonha no mês passado.

— O que aconteceu?

— Acho que você conhece a polaca ali do Pato Preto. Disposta como sempre, veio pro meu lado. A Lisa estava no ônibus. Levou a Amélia, a maiorzinha, pra consultar um médico em Santa Rosa. Esta, muito esperta, apreciava chamar atenção querendo conversar comigo. A polaca nem desconfiara que a Lisa estaria no ônibus. E a desgraçada da polaca só faltava querer sentar no meu colo. Conversava além da medida mostrando muita intimidade. E a pequena Amélia chamando atenção: pai daqui e pai dali. O sangue da Lisa foi subindo e como não tem papas na língua, disparou em alto e bom tom: “Fica quieta, Amélia, deixa o teu pai namorar em paz!”

— Não consigo parar de rir.

— Ri de minha desgraça.

— Tá bem, desculpe!

Depois disso, a passageira silenciou completamente. Silenciaram também os passageiros. Sabiam do temperamento da Lisa. Chegando em casa fez o maior escândalo. Falou bem grosso:

— Se quando estou junto as mulheres chegam a esse ponto, que dirá quando não estou!

Não adiantou dizer que só a polaca faz assim:

— Pode perguntar pro Chisleski que dirige o ônibus de Pato Preto.

— E por que, então, ela não foi com ele?

— Sei lá — disse eu.

— Diga pra ela que ninguém gosta de viajar com o Chisleski.

— Se digo isso o mundo viria abaixo.

Anoitecia e nuvens escuras se estendiam pros lados do Uruguai.

— Bela tarefa a minha: levar farinha e galinhas pra encher o teu galinheiro em Santa Rosa.

— Vou te ficar devendo essa. Mulher parida carece de canja — me disse a mãe dela.

Se fez silêncio. O tempo fechara pros lado do Cristóvão. Nélio saiu de fininho. Ouviu-se a voz austera de Lisandra.

— Roberto, meu filho, tu que é o mais forte, traga um feixe de lenha antes da chuva. Vou preparar a comida.

— Isso mesmo mulher, estou varado de fome.

— Não sei se merece. Não ficou nem com um pedaço do veadinho. Pura covardia! Escapou de Deus pela manhã. Bem feito pra vocês dois.

— Foi o Nélio que pediu pra ir junto.

— E você não tem obrigação?

— Desculpa, fui mal. Prometo ir na missa no mês que vem.

Por dois dias as crianças andavam de fininho, que a mãe estava nos cascos. Cristóvão andava um doce, merecendo até um comentário de Lisa com a vizinha Eulália, que só fez piorar as coisas.

— Homem quando começa agradar demais, aí tem!

— Ele que se arrisque a comer fora do cocho — retrucou Lisa.

O RIO SALVA O PESCADOR

Quieto o rio, mas não as barrancas. Gritos e sussurros é que se ouviam. Os pais nervosos por arriscarem tudo. Sobrava pouco das terras vendidas pro chefão do lugar. Ultimamente, as contas aumentaram. No diminuir e no somar os ribeirinhos sentiam perder o chão, feito de cascalhos.

Dos moradores das casas pequenas todos lembram ainda hoje do Fridolino. A mulher Angelina não sabia o que fazer. Sempre ao lado dele, com ele quatro filhos. Fridolino muito infeliz sempre descrente de tudo. Dizia que era muito filho pra tanta pobreza. Ela o confortava:

— Veja como são queridos.

— Queridos e pobres.

— Deus quis assim.

— Então que ajudasse a sustentar.

— Não blasfeme!

O homem, pescador e colono de dois hectares, não dava conta de sua angústia. Sempre exigente viu-se como gambá preso. Preferiu a morte aos fantasmas de sua decepção. Foi ao rio como sempre ia. Arrumou as iscas e os anzóis. Retirou os remos debaixo do galpãozinho de uma mísera vaquinha. Viu mais uma vez a extensão de sua miséria. Mais ainda se acabrunhou fortalecendo a decisão. Firmava-se o propósito, contradizendo os apelos da débil consciência. Pra não decepcionar os filhos, prorrompeu-lhe o desejo de ir até às correntezas. Um pescador ainda sou. É o que me resta. Deslizava o pequeno barco. Por costume, desviava das pedras vistas ao fundo. Lança o anzol maior. Os ares devoravam-lhe o corpo. Num repente, estendeu-se a linha. Um solavanco atirou-o para fora do barco. Uma mão firme na linha e a outra, em desespero, equilibrava o corpo na correnteza. Mais veloz, saltou o dourado iniciando-se a luta. Avistou o barco à deriva. Uma das correntes empurrou-o para o sarandis. Estremecia todo. A mão sangrava pelos cortes. Resistia ainda:

— Morro eu ou morre você, desgraçado!

Viu mais uma vez a cor dourada entre as espumas altas. Mais cansado o peixe foi cedendo ao ir e vir da grossa linha. Por fim, dominou o animal. Deixou-o em estertores sobre as pedras. Doze quilos, ao menos, avaliou, despertando da lassidão completa. O barco rodopiava num remanso. Atirou-se à água. Retornou retesado de vida. Foi puxando o barco com o grande peixe. Por debaixo dos sarandis, rasgando a roupa nas unhas de gato, chegou ao pesqueiro. A mulher e os filhos choravam. Já era noite. Ao ver o marido vivo, atirou-se a ele. Os filhos gritavam de prazer em torno do peixe. Somente a mulher sabia a verdadeira intenção daquela tarde. Jamais saberiam dos desejos tristes. — Minha alma guarda o segredo — dizia pra ele mesmo, quando já em Novo Hamburgo.

Angelina percebeu a mudança em seu homem. A noite prometeu. Limpo o peixe, ficou estendido na pequena área. — Esse peixe me salvou — falou satisfeito. Ela viu um bom sinal, evidente pela resposta alegre.

Ainda madrugada, foi entregar o peixe pro Cristóvão. Ele o levaria inteiro pra ser vendido no Semann ali em Erva Limpa. O açougueiro amava peixes e tendo dez filhos, loucos pra uma carne diferente, agradeceriam. Com o dinheiro Fridolino teria o suficiente pra encontrar os amigos em Novo Hamburgo. Que o Pico fosse à merda. Primeiro os filhos... Mais tarde, arranjaría um jeito pra pagar as dívidas. A vaca não daria nem pra metade dos favores, como dizia o poderoso chefão. Caminhava ainda com estrelas. Deus me livre estragar este peixe. Pra piizada sobriariam piavas. O mais velho já lidava bem com o barco. — Deus sempre reserva um peixinho — cogitava. O ar da manhã deixava seu peito ainda mais cheio de espírito. Riu-se ao ver o peixe sobre o carrinho de mão. Já se via costurando sapatos em Novo Hamburgo. A mulher sabia cozinhar muito bem. Poderia preparar umas comidas. Ao pensar nisso, entristeceu-se. Tirou Angelina de sua casa cheia de conforto trazendo pra essa barranca miserável. A única coisa que fez foi enchê-la de filhos. Com certeza não perdeu o jeito de fazer comida alemã. Cuca, torta de maçã, Joelho de porco, chucrute e outras delícias da mesa alemã, eram com ela. O sol forte não desmanchou o miolo dela. Os piás eram de boa índole. Com todos trabalhando vai dar e sobrar. Uma

casinha com luz elétrica. Um rádio como o do Pico seria coisa de primeira.

Cristóvão já ia ligando o ônibus pra esquentar o motor. A subida até Erva Limpa exigia um motor sem tossir.

— Pode deixar, Fridolino. Se o Semann não ficar com esta beleza, tem quem queira em Alecrim. Ainda semana passada, o açougueiro me pediu se não conseguia algum peixe bom. Vai vender em postas que dá mais lucro.

— Homem do céu! Nem sei como agradecer. Vou te trazer uma beleza de piava.

— Pode trazer, Frido. A Lisa vai aproveitar assim que trazer.

Os dias corriam a favor de Fridolino. Angelina dispôs-se a se arriscar com o filho mais velho. Foi ver o sinal na janela da casa do outro lado pra ver se havia farinha. A toalha branca estendida indicava sinal positivo. A gendarmeria andava longe. Estimava pensar que a luta de cada um é que dá condição de acertar na vida. Não aceitaria nunca viver de favores. Tampouco aceitaria traficar drogas. O medo de Angelina se associava a diversas casas da costa. Ela não era protestante, entretanto, os padres eram incisivos em exigir a própria salvação dos filhos. Escola, trabalho e Deus era o caminho para formar filhos confiáveis. A severidade da disciplina daria conta de filhos fortes. Qualquer hora dessas se abriria um destino melhor. A costa do Uruguai não providenciava coisa boa. Até o chibo estava sem prestígio. Tirando da terrinha verduras e alimento pra vaca e dois porquinhos era a conta. Do outro lado havia gente como eles. Uma pobreza igual a dar licenças.

As primeiras notícias vindas de Novo Hamburgo não produziram os melhores efeitos. As indústrias tiravam o couro dos empregados. As informações batiam de maneiras diferentes. Alguns diziam: não gosta quem nunca trabalhou. Mas lá o dinheiro cai sempre no fim do mês pra quem trabalha. Estes reforçavam dizendo haver ótimas escolas. Pra quem trabalha existe a possibilidade de levar sapatos pra costurar em casa. Rende um pouco mais. — Mais ainda — se animou Fridolino. Mesmo que fosse escravo e vivesse faria o que fosse

necessário, tamanho era o ânimo que o possuía. Pois bem, o que se sabe são boas notícias dos esforços de Fridolino Mombach.

Dois dias depois de ele ir pra Novo Hamburgo, parando na casa do tio de Angelina, encontrou um lugar para os filhos Eduardo e Camilo trabalharem. Ficaria mais um tempo em Rio Fundo que era pra não arriscar tudo. Um peixe, um saco de farinha e o cuidado com o pingo de terra, poderiam render um sustento miúdo enquanto Novo Hamburgo não garantisse o melhor. O tio também segurou as pontas de Eduardo e Camilo. As solicitações exteriores para indústrias de calçado não paravam de chegar. Ambos foram parar, depois do primeiro salário, numa pensão sem qualquer luxo. Eduardo, o mais jovem e o mais atilado, soube de uma invasão de terrenos. Quem procura acha. Encontrou um terreno baldio próximo da terra invadida. Informou-se até saber do dono terreno. Pertencia a um fazendeiro de Santo Ângelo. Moveu-se de interesse pensando em adquiri-lo antes que o invadissem. No primeiro feriado longo foi até Santo Ângelo. Passou apenas uma hora até descobrir a residência.

Por ter aprendido a lidar bem com as palavras confiava nos elementos de convicção. Bem que dizia o professor Inácio: “Quem tem boas palavras não junta raiva.” Também reviu outra lição do professor: “A educação faz bem pro coração e pro bolso.” No caso faria de tudo pra aplicar o aprendido. — Homem prevenido vale por muitos — fora a lição final do Fridolino. Não foi a Santo Ângelo no escuro. Conferiu tudo no registro de imóveis de Novo Hamburgo. Torceu pra que o seu Antunes estivesse em casa. Bateu à porta. Apareceu uma mulher muito distinta. Eduardo se apresentou. Logo foi falando do interesse sobre o terreno de Novo Hamburgo. Ela foi gentil ao ver aquele jovem. Havia um jeito colono de ser, entretanto, se distinguia pela conduta elegante. O rapaz inspirava confiança:

— Pode entrar. Meu marido foi ao mercado e logo retorna. Você deve estar cansado.

— Estou mais interessado em que tudo dê certo. Sou de uma família pobre da costa do Uruguai. Não dá pra medir esforços. Viajei a noite toda, mas tenho confiança em comprar o terreno em Novo

Hamburgo. Eu e meu irmão Camilo já trabalhamos e com as economias penso pagar o terreno em prestações.

— Como é que foi parar lá?

— A costa do Uruguai já não alimenta ninguém. Fomos movidos pela necessidade de buscar trabalho.

— Onde é que aprendeu a falar tão bem? Não me diga que a costa do Uruguai tem boa escola. Ia esquecendo, Sou Francisca Telles Antunes. Prazer.

— A escola de Rio Fundo é pequena, mas tive um professor muito bom. Até calo nos dedos eu fiz de tanto escrever. E pra ler, gastei muito querosene no lampião de casa.

— Meu marido está chegando.

Dona Francisca apresentou o rapaz. Eduardo aceitou também o favor de uma xícara de café com leite e uma fatia de pão com queijo. Fagundes ouviu detalhadamente a história toda, até chegar ao ponto de ouvir:

— Senhor Antunes, estão invadindo um terreno grande ao lado do seu. Confesso minha tentação de invadir também. Lembrei meu pai e do meu professor. Eles não concordariam com a invasão. Assim aprendi, assim também sou. De curioso, fui até uma casa vizinha perguntando pelo proprietário do terreno. O dono da casa foi gentil citando seu nome. Me disse ele que o senhor ia pôr uma indústria de calçados. O terreno é grande e acho que vai muito além do que temos, a menos que a dívida se estenda por bom tempo. Pensei: “Pra agilizar o pagamento se pudesse ter o benefício de boas prestações”.

— Falemos depois sobre valores e a possível forma de vender a minha quase fábrica.

Foi aí que percebeu o quanto o professor tinha razão: todas as pessoas apreciam muito serem amadas naquilo que falam. O melhor conversador é o que sabe ouvir. Por isso, falar bem é importante mesmo pra quem ouve... Quem é que vai ouvir nesta vida se o outro não sabe falar? Se não sabe falar não sabe entender. Acho, então, que não estou

fazendo feio. Se assim não fosse já teria me mandado embora. O jeito de me vestir mostra o grau de minha pobreza.

— Pois é, Eduardo. O mundo dá voltas. Desde que me conheço por gente sempre fui negociante. Me especializei em calçados femininos. Novo Hamburgo era a praça onde me abastecia. Certa feita, uns cinco anos atrás, pensei em correr o risco de ter minha fábrica. Comprei o terreno em questão. Me aconselhei com um amigo fabricante. Me alertou a que pensasse melhor. Ele me falou que os calçados da China estavam ameaçando o setor em Novo Hamburgo. Pus minhas barbas de molho. Por azar faleceu meu sogro e tocou pra eu levar adiante as terras dele. É o que estou fazendo. Isso tem bem uns três anos. Dia desses, a mulher tocou no assunto do terreno de Novo Hamburgo, mas deixei pra depois da colheita. Agora você me aparece.

— Não sei se o senhor quer negociar agora ou buscar melhor comprador.

Aí dona Francisca Telles Antunes opinou, dirigindo-se ao marido:

— Querido, vê a proposta do rapaz. Estou curiosa!

— Eu também estou curioso.

— Até tenho vergonha em dizer o que posso pagar. Minha história é bem fraca, senhor Antunes. Meu pai é pescador lá na costa. Vive de chibo e de uma merreca que sai de uns míseros hectares. O chibo além de perigoso não dá mais nada. As mercadorias da Argentina já não são mais atraentes. Que faria eu por lá? Resolvi, ouvindo meu pai, buscar melhor sorte em Novo Hamburgo. Veio comigo meu irmão Camilo. Minha tia aceitou por um tempo que ficássemos com ela. Mas casa de parente não é hotel. Ela é gentil. Fomos para uma pensão. Ela consome parte de nosso salário. Por isso, meu irmão pensou também em invadir. Persuadi o Camilo que isso de invadir não acaba bem. O resto da história o senhor e a senhora já conhecem. Somando os salários dá três e pouco. Coisa pouca, mas me dando uns cinco anos, acho que dou conta. Estamos também costurando sapatos fora de hora, o que rende um valor também.

— Podemos realizar o contrato de compra e venda. Vocês conseguem sobreviver com a metade do que recebem?

— Conseguimos.

— Veja, acredito que o imóvel está em torno de duzentos mil reais.

— Senhor Antunes, não há nada de exagero em sua pedida. Mas se sua família quiser praticar um gesto bom eu e meu irmão ficaremos agradecidos.

— Vou redigir um contrato de compra e venda.

— Vou sugerir o seguinte. Em cada fim de ano, proponho um reforço de mais vinte mil reais o que saldará o débito até antes dos cinco anos. O reajuste pode ficar conforme o aumento salarial? Tenho certeza que antes dos cinco anos poderei ter a escritura.

— Em princípio, fica assim. Vou até Novo Hamburgo e levo em mãos o contrato a ser feito em cartório. Se por uma razão ou outra não puder saldar o compromisso retomo o imóvel e estamos quites.

— Mas penso desde já mexer no terreno, seu Antunes. Uma casinha erguida vai ajudar a melhorar o pagamento da dívida. Assim não restará pagar aluguel. Prometo não recorrer a qualquer expediente escuso como tomar posse por usucapião ou por qualquer outro meio que demonstre mau caráter. Aprendi a ser um homem confiável mesmo sendo um jovem.

— Só um milagre desse tamanho para pobre sair do atoleiro — cogitou Eduardo.

ANTUNES EM NOVO HAMBURGO

Setembro pleno. Primavera por todos os lados. Nada de especial, mas Antunes, índio bruto, achava graça do verde fixo e dos azuis voadores. Levava o contrato para assinatura. Foi ter com Eduardo. Este, por concessão do chefe de sessão, recebeu-o costurando botas. Ao meio-dia foram até o local do terreno.

— Este é o terreno, seu Antunes.

— Não acredito no que vejo. Aqui era quase um brejo. Estou vendo grama plantada. Não imaginava tão grande.

— Senhor Antunes, posso adiantar um bom dinheiro. Camilo e eu nos quebramos em horas extras. Vi o senhor estranhar aquela casinha. Pois alugamos algumas máquinas velhas de uma fábrica pra costura. O dono da empresa comprou as automáticas, mesmo assim, não dá conta do serviço. Terceirizamos temporariamente uma quantia razoável de botas. Desenvolvemos o trabalho aí. Eu lhe falei numa carta sobre a ideia. E graças a ela posso adiantar um bom dinheiro. A primavera veio boa pra nós. Até pensamos, Camilo e eu, em trazer o resto da família. O pai está resistindo mesmo sabendo que a costa não dá pro pão.

— Me admira o esforço. As colheitas de abril foram muito boas. Tive, então, uma ideia também.

— Em que o senhor está pensando, dr. Antunes?

— Pensei: se acaso a sua ideia desse certo, poderia investir também nela.

— Na ideia que estou alinhavando, senhor Antunes, estão incluídos como sócios meus pais e meu irmão Camilo. Difícil de lidar com a tarefa. Se o senhor assim mesmo pensar em dividir a lenta criação de uma pequena empresa, quem sou eu para dizer não?

— É muito complicado com tantos sócios e todos distantes.

— E por certo se pretendêssemos investir pra valer necessitaríamos mais de um milhão de reais para importar máquinas e

assim competir no mercado. Temo também a concorrência da China que vem com tudo. Penso ir devagar até aprender a lidar com os artefatos de couro. Por outro lado, os duzentos mil reais nesse período de recessão não são tão pequenos. Proponho, ainda, para não haver prejuízo, diminuir para três anos o tempo de minha dívida.

— O que prometi está prometido. Como índio da campanha sustento minha palavra.

— Prometo, então, retribuir a outros a sua solidariedade.

Pra encurtar a história: o contrato foi acertado, sendo a escritura entregue ao final do pagamento da dívida. Três anos foram de grandes mudanças. Se fôssemos preencher a história com diálogos o teatro iria longe. A família de Eduardo e Camilo veio toda. Não faltou nem o cusco. O pouco mais de dois hectares e meio foram vendidos por um preço ridículo, descontados os débitos no comércio de Alfredo Mirandola, o Pico. Rigorosamente, conforme falou o professor Inácio: — Uma merreca engolida por um faminto. “Quem deveria boiar no rio seria o gabola do Mirandola” pensou Fridololino “E não o pobre Raimundo”. De todo jeito, Novo Hamburgo foi a redenção. A ideia de Eduardo mais Camilo, rendeu. As máquinas velhas renderam. Eduardo sabia que o dinheiro é cruel pra quem não o respeita. Os dois respeitaram. A empresa familiar Mombach & Filhos tornou-se respeitada. Godofredo e José foram excelentes companheiros na empreitada. Eram irmãos do mesmo estofó. Fridolino, porém, mostrava-se muito cansado. Diziam alguns: “O rio ainda rola nele”. Camilo o surpreendeu telefonando para um amigo do Alecrim:

— Como é ruim um velho sair de casa. Aqui nada me diz respeito. Até o couro dos sapatos me dá saudade da vaquinha Diana.

De tristeza em tristeza, o Frido foi se indo. O pulmão havia se fragilizado. Os frios de toda a vida sobre o Uruguai, associados aos cigarros de palha, deixaram seu pulmão um fole rasgado. Faleceu dois anos depois da saída de Rio Fundo.

— Morreu com dignidade — falou Angelina, sabendo o que dizia — Um peixe o salvou!

Os bairros de Novo Hamburgo foram se enchendo de pobreza vinda de muitas cidades da costa e de outros lugares de pequenos produtores rurais. Mas Alecrim se destacava. Por estes tempos de 1990, uma onda de desempregados começou a levar de roldão preguiçosos e trabalhadores. Em todos os casos, a pobreza se avolumando levou a que alguns buscassem sobreviver em pequenos furtos e contravenções. Ocorreram os primeiros latrocínios e assaltos à mão armada. Violências domésticas. Escolas sofrendo com alunos machucados por pais bêbados. Diversos bairros adoeciam, entretanto, muitas famílias resistiam em busca de sobrevivência e dignidade. Outras apelavam para atividades eventuais e sem perspectivas sob o abrigo de casebres. Notórios, porém, os fatos policiais indicando as origens, fazendo injustamente a fama de certos lugares: Alecrim entre eles.

Os dois últimos filhos de Fridolino tiveram a sorte de terem irmãos solidários. Ao final do terceiro ano de vida em Novo Hamburgo, aprenderam rapidamente qual o futuro se não se acostumassem às exigências da nova terra. Ouviram do pai o caminho feito pelos antepassados. Longa foi a estrada entre São Leopoldo e a barranca. Aí se fez de mal a pior. Chegaram ao fim da picada. Somente voltando com outras profissões puderam se salvar. A terra havia dado o suficiente. Quem fora ao Paraná ou Santa Catarina já conseguira dar continuidade ao sonho da terra. Os outros... Que labutassem em estudos ou que peleassem na área do comércio ou da indústria. — É o que sobrou pra nós, minha gente — falou Angelina. O Frido estava alerta, mas não compreendia bem os fenômenos que se avassalavam sobre ele. Confiava em Eduardo como a um deus doméstico. Certa feita, durante os três anos nos quais peleavam os dois mais velhos, repetia:

— Filho, Deus te deu a sorte de nossa casa.

Assim que Godofredo e José abriram os olhos para o trabalho do couro, Eduardo e Camilo pediram para realizarem um curso técnico em calçados. Lá foram os dois e rapidamente acertaram as melhorias do caminho. Como marinheiros aprenderam no mar revolto do couro. Os calçados andavam ameaçados. A mão de obra da China e da Coreia aviltavam os preços. Daí ter ocorrido as dispensas dos trabalhadores do setor. Os filhos de Alecrim mais uma vez acabaram sobrando como

sobravam na costa. As mudanças comerciais atingiam, em cheio, ambos os lugares. Ciclos se acabam e com eles sofrem todos.

Bem rapidamente, os dois estudantes estimulados por professores, perceberam novas direções. Investir em sapatos parecia ser inviável. Já acumulam desempregados. A cidade de 133.000 habitantes em 1980 passou para 201.000 em dez anos. Os empregos procurados pelos trabalhadores migrantes sofreram demais. A crise se agrava. Os dois estudantes já falavam com entendimento sobre a economia. Firmaram posição de não querer competir sem inteligência. Entraram firme nas decisões a partir de estudos sobre fabricação de calçados, desenho técnico e modelagem, materiais, processo produtivo, custos e comercialização. Com inteligência entenderam produzir calçados femininos de qualidade superior. Vamos vender para os ricos. Que a China atenda aos outros. Principalmente José se revelou exímio desenhista. E dos sapatos partiram para bolsas. Especializou a mão de obra da empresa. Todos os empregados andavam em corda bamba. Formaram um espírito familiar sem perder o sentido da competição. Sobreviveram às tempestades vindas de todas as direções. Quando se dizia mal sobre os imigrantes da costa, apontava-se os Mombach como dignos de reverência. Novo Hamburgo pagou alto tributo à crise. Organizou as áreas invadidas. Ofereceu mudança gratuita aos migrantes desejosos de partirem para outros lugares.

RIO FUNDO ENTRA EM FALÊNCIA

Cristóvão suportou o silêncio necessário. Catorze anos se passaram desde o nascimento da filha em Santa Rosa. Sabia de sua culpa. Fiéis são a mãe e a avó, gente boa. Baixava triste a cabeça com vergonha, cada dia mais, ao ver os esforços da Lisandra em torno dos filhos. Antônio não andava bem. Parecia ele o culpado pela quietude do pai. Falou ao padre Estêvão, novo pároco, de uma dor funda que lhe atravessava todo. Daí veio pouco consolo. O quase menino de 16 anos não se continha diante das dores.

O mal atropelara também o pai. Andava agitado em razão de ver o ônibus cada dia mais vazio. Lisandra sentia-se menor que os lambaris devorados por dourados ali nas águas. Era como uma vaca cercada por lobos, tornando-se uma vaca lutadora face às ameaças aos bezerros. Mais se lhe retesavam os músculos e a vontade. Se o vento levantava poeiras ela fazia delas motivo de luta. Sentia-se forte como uma montanha. Fazia da alma uma bocaina devoradora de sofrimentos. A casa escondia segredos eminentes. Rio Fundo é que dava o que pensar. As notícias de Novo Hamburgo eram razoáveis até 1990. Corrompia-se a fortuna do setor de calçados. Todavia, o sucesso de Eduardo e sua família insuflaram ainda mais a imaginação dos ribeirinhos. A realidade era distorcida em favor de ainda retornarem peixes e produtos de valor para o chibo. As dívidas pra com o Banco da Terra não tardaram em chegar. Mais Pico enchia sua burra de fartos negócios. Não havia razão de contratar capangas para esvaziar os barcos de farinha da pobre gente. Farinha não havia. Mais se aviltavam os costumes das poucas casas. Tensões se amenizavam apenas com a força policial.

Numa das visitas de professor Inácio depois da ida pra Santo Cristo, melhor se avaliou os estragos do lugar. O tempo é feroz para a história de regiões inteiras. Inácio viu de perto a angústia de Lisandra. Não reconheceu mais o amigo Cristóvão. Podia quase tomar nas mãos o ar pesado. Lagartos entravam e saíam das casas abandonadas. Os ranchos vazios se multiplicavam. Algum rato distraído era pego para satisfação do lagarto-tejú. Os gatos se haviam solitários. Barcos apodreciam. Nem ao menos encontrara os alunos. A maioria havia

debandado. Pra estranheza da maioria começaram a aparecer alguns carros de procedência duvidosa. O professor foi ter com Silvino, um sujeito simples, cabelos de fogo e pele queimada. Amigo de travessias do rio. Companheiro principal do tempo em que sustentara a família atravessando o Uruguai:

— Que bom ver você. O tempo está te pegando, professor Inácio.

— Esses alunos ultimamente rebentam com a gente. Deixemos essa conversa. Tá indo pescar ainda?

— Se houver companhia.

Foram.

O rio convidava a um papo superior. Entre iscadadas vinham patis e bagres. Havia um sofrimento parecendo órfãos de um lugar.

— E o Funghetti?

— Se foi pro Paraná.

— E o Brasil?

— Morreu.

— O Alebrandt?

— Desistiu de carregar farinha. Fechou o bolicho do outro lado. Nem pergunte pelos tantos caboclos, os polacos e a alemoada. Sobraram uns quatro ou cinco.

Nem te conto... Sobraram os empenhados do Pico e alguns cabeçudos. Mais alguns vivos que estão metidos a trazer droga do Paraguai. É a minha impressão. Mas disso não dá pra falar que é gente perigosa. Nem te conto... A gente vive como num fio da navalha entre o certo e o errado.

— Esquece, Silvino. Opa! Este é grande é o machão dos patis. Tomara que seja o Pico deles. Vem... Vem bichão... Não adianta tastaviar... Vai entrar, como todos, na frigideira.

— Nossa! Nunca vi pati assim!

— Gordo que só vendo! É o coronel deste poço.

— Deixa-me ver se pego outro parecido. Tem uns dois ou três que andam faturando em cima da colonada.

A noite continuava alta e a lua mostrava quase a imensidão. Da barranca, algum cusco vadio latia para a lua. Os caminhantes eram poucos. O papo retomou os interesses:

— Sabe, homem, nem te contei o pior. Lembra do Nico Siemens?

— Aquele que me ajudou tirar o índio morto?

— Exatamente.

— Tem coisa grossa aí. Acho que o Pico anda de transa com a filha dele.

— A pequena Noêmia?

— Já nem tão pequena assim.

— Pra que isso?

— Por razões de malandro e por razões de negócio. Pico deixa a família toda bem arranjada.

— Meu Deus! E o Nicolas aceita?

— Desde que soube vejo um olhar medonho nele.

— Não é pra menos. O ressentimento mata!

— Não é só isso. Corre em boca pequena o seguinte: olha tua linha! Cuidado! O animal é grande!

— Estou só pescando pati grande. E conhecendo os diabos maiores.

— Veja que coisa mais feia! Tem gente comendo pão pelas filhas. Por favor!

— Foi um peixe maior que devorou metade do bicho. Estou vendo... Bem que senti um puxão. Os maiores devoram os menores.

— Ainda mais fácil quando já presos.

— Vamos para casa enquanto te digo mais sobre os tubarões de Rio Fundo.

Na margem a noite se cobria de escuros. O silêncio, breve. Reiniciaram as conversas tenebrosas:

— Estou desconfiado dos filhos de Nicolas. Estão envolvidos em coisa pesada. Vejo Pico de segredos com Ângelo, o mais quieto dos filhos, quando vou comprar cigarros. Vi ele com um Vectra cheio de balagandans. De onde saiu o dinheiro? Sei que o filho do Alebrandt conhece rotas alternativas que dão no Paraguai. Volta e meia vejo o outro filho do Nico, o Artêmio, sair por uns tempos de Rio Fundo.

— A professora Elvira, a que substituiu você, leu nos jornais que tem gente desempregada em Novo Hamburgo. Andam traficando drogas. Não sei onde tudo vai dar. Os piá do Nico nunca foram do trabalho. Sempre foram de pequenos roubos e as confusões eram com eles. Vi, dias desses, eles atravessando o rio com o rapaz do Allebrandt. Também ele tem uma moto de primeira.

— E quem vai desconfiar de um coloninho levando alguns quilos de coca?

— É isso mesmo. Mas que se vai fazer se o chibo não dá mais e o trabalho dos sapatos dá pra nada?

— Mas os fins não justificam os meios! — Pontificou o professor.

— Não entendi!

— Mesmo que a droga resolva a fome, assim mesmo continua crime.

APARÍCIO PROMETE JUSTIÇA

Inácio, antes de tomar o fusca pra Santo Cristo pediu pouso pro Aparício, o sempre companheiro. Salgaram os peixes e prepararam um frito. O professor não era de cerimônia. Antes de dormir tomou dos pelegos, preparou seu ninho e depois na varanda se tomaram de prosear até a madrugada.

Mais uma vez surgiu a tensão sobre as violências em Rio Fundo:

— O sinhô sabe, professor Inácio. Tem maldade demais no resto das casas. Mesmo eu não guento a judiaria do Pico. Sabe o sinhô que este não é o nome do homem. É Pico porque é muito grande o meio das pernas. Comeu de muitas por aí o safado. Quis se bobeá com minha falecida. Ele ficou lanhado pela tentativa. Não matei o home pela minha menina que trabaiava na casa do pai dele. Ele que invente de buli com ela. Disse pra ele que um dia ele ia comer guaxuma pelas raiz.

— E qual a parte dele na morte do índio Raimundo?

—Me dói mais da metade de mim só de saber dos capanga dele assustando o coitado. Ainda tomo uma corage grande e corto ele no meio. Não terá mais o pico, será um cerrito.

Riram de feitas e desfeitas. Depois da conversa feia, resolveram dormir. Inácio deitou nos pelegos na casinha do índio e dormiu. Dormiu? A noite ia longa. Alta a lua. Inácio acordou, tremia. O índio veio pra tomar meu lugar, pensou. Espiou o rio silencioso pela janela caída. Um vento moveu o ingá. O susto tem disso, vê demais. Uma vírgula fica exclamação. Uma luzinha vira um defunto. Raimundo era de bondades se consolou, mas não deixou de cismar por hora inteira. Num instante avaliou um mistério e por ser mistério não decifrou. A mente cheia de conceitos loucos se postou frenética. Intuíu o mundo numa reunião superior. Em tudo se fazia um pouco de salvação. Os bois e as vacas, os cavalos e os anjos, os homens e as mulheres se renovavam em busca de um destino. Alguém tangia num sopro de vozes. O próprio Cristo, Moisés, Buda e Maomé, estavam cheios de esperança. Sentados, diziam versos. A paz e a guerra, o amor e o ódio se reuniam para dizer propósitos e não chegavam a nenhum acordo. Por fim, percebeu-se

solidário a tudo que acontecia. Ele também compunha a salvação. Dormiu mais uma vez. Acordou-se num repente ou parecia-lhe sonhar de estar vendo o que via e matutava. Em tudo se repontava o mundo inteiro. Até as prantinha, ditas pelo Silvino, continham sua companhia. Por fim, bateu-lhe a sorte de esfregar os olhos e acordar de vez. O primeiro ser a invadir o mundo acordado, foi Pico. Vieram-lhe, então, pensamentos assentados em Rio Fundo.

Que é isso de um homem sufocar um lugar? Tenho em mim a certeza: tanto ódio não fica sem morte. Rezou o que não fazia a tempo. A calma foi vindo. Uma antiga calma infantil de mãe por perto, a memória foi alívio. Não carece medo que o índio era bom. Medo teria de ver capangas. Que viessem! O facão teria sua vez. Finalmente uma corruíra alvissareira veio dizer da manhã. Os sons altos e baixos, ligeiros, saídos do bico erguido trouxeram a felicidade necessária. Os maus pensamentos merecem descanso.

— Oi, homem, a manhã é feita pra acordar.

— Já me levanto, seu Aparício. Tomo um banho no rio e me mando pra Santo Cristo. Só vou ver a espera deixada no rio.

Um douradinho de dois quilos se prendeu pra alegria do pescador. Ao passar pela casa de Aparício, agradeceu:

— É a terceira vez que tomo a liberdade de pedir pouso.

— Não carece agradecimento. Desculpa minha grossura, a aspereza da fala de ontem. Tire da cabeça o que falei. Tem coisa melhor pra guardar.

— Falar com o senhor é uma bênção. A gente aprende lições de virar a cabeça.

— Também eu me distraio vendo coisas de outro mundo. A gente fica veio e não esmorece de pensar.

— Deus lhe dê sempre esta bondade.

Depois rumou pra Santo Cristo. No meio do caminho encontrou Lisandra levando Artêmio pra Santa Rosa. Os dois encostaram os carros.

— Daí, professor?

— Vim molhar um anzol.

— A hora não é de conversa, professor. To levando o piá do Nico pra Santa Rosa. Perdeu o ônibus do Cristóvão.

Dirigindo-se ao rapaz, instou:

— Pronde vai com tanta pressa?

— Vou ver trabalho em Novo Hamburgo.

— Só trabalho?

— O que podia ser mais?

— Ver outros negócios que o trabalho por lá anda escasso.

— Vamo dona Lisandra, que me atraso.

— Te cuide guri — provocou o professor fazendo entender a mensagem.

— Professor Inácio, por favor, na volta de Santa Rosa me dê um tempo de conversa em Santo Cristo — pediu Lisandra.

— Te espero com mate.

UMA AUSTERA CONVERSA

Valentina, a esposa do professor, recebeu cheia de festa sua amiga Lisandra. As duas sofreram o destino de cuidar de filhos longe do melhor socorro. Noites longas, agitadas, daquelas de não amanhecer nunca, em calores pingados, valeram cuidados em torno dos seus. Dias pesados geraram vínculos fortes. Lágrimas solidárias juntaram as duas. Severidade era pouca. A voz da mulher saía doída:

— Estou assustada, professor Inácio. Tremo só de pensar de como segurar as pontas de minha casa. Passageiros, alguns. Me apavora o que vai ser dessa piaçada.

— Cada vez que vou até Rio Fundo parece haver apenas queixas — reforçou o professor.

— E das braba! Veja o meu caso. O Antônio está desanimado. Muito sem força. Queria muito uma gasguita que não quer ele. — Meu Deus — falei pra ele — deixa dela, rapaz. Você é bonito, inteligente. Toma outro rumo e manda à merda quem não te dá valor. Mas sabe como é: se acha e pensa que o mundo deve se dobrar ao mando do machinho.

— E o meu que também vive aprontando. Um galinho valente. Não sei se o mundo está diferente fazendo desta gurizada gato e sapato. Não me sinto culpado, mas achar o meio termo pra pôr os filhos nos eixos está muito complicado.

— Meu marido tem razão — interveio Valentina — faço de tudo pra ser gentil. Parece que há um saco sem fundo no peito do meu gurizão.

— No meu tempo de menina, dizia meu pai: — Tá precisando de laço pra curar mania. Um varadas botavam calma e direção, opinou Lisandra.

— Vamos parar de choro e ver se Deus ajuda que a nossa mão é pequena e a dele é maior que o mundo. Ouvi certa vez, não lembro mais de quem: “Deus talvez seja uma pequena chama que nos cabe impedir

que se apague”. Ma que anda pequena, anda. A gente faz o que pode mesmo quando o vento vira tempestade.

— Mas deixa só me aconselhar — implorou Lisandra.

— Somos teus ouvidos. Fale! — Reforçou Valentina.

— To desconfiada de alguns dos passageiros.

— Por quê?

— O Ângelo e Artêmio do Nico Siemens, volta e meia vão até Santa Rosa até uma lojinha. Desconfio da lojinha. Dizem eles que vendem sapatos de Novo Hamburgo. Nunca vi freguês algum. Não será um ponto de droga desses malandros?

— É o que o pessoal está pensando. Te cuide. Se eu fosse você ficava na minha. Atrás das drogas sempre tem bandido ou polícia — afirmou Inácio.

— O que faço?

— Diga que o teu carro estragou, que você não leva mais ninguém até Santa Rosa. Inventá uma desculpa.

— E os pila que vou perder?

— Antes perder uns pila, que o carro ou até a vida. Soube, esses dias, de uma luta de gangues. Uma delas metralhou um carro. Mais de vinte furos. O seguinte carro pode ser o teu, Lisa.

— Vou me tocar. Obrigada. Não vou levar nem os castelhanos. A gente nunca sabe de onde vem o perigo.

— A conversa tá boa. Vou indo! Que a vida dos meus pede cuidado. Lá me vou. Beijjos.

AS COISAS SE PRECIPITAM

Um carrinho e um carrão se cruzaram na Rua Bartolomeu de Gusmão em Novo Hamburgo. Ângelo Siemens viu Eduardo Mombach. Ambos pararam:

— Você não é o Ângelo de Rio Fundo?

— O próprio. E você é o Eduardo?

— Eu mesmo. Estou com saudades do Rio Fundo. E tem gente ainda por lá?

— Alguns sobreviventes. O resto se bandeou pra estes lados. Alguns venderam os penduricalhos e se mandaram até pro Mato Grosso.

— O que anda aprontando por estes lados, Ângelo?

— Coisinha de nada. Estou pondo uma lojinha de sapatos em Santa Rosa.

— E eu estou fazendo sapatos. Vem comigo ver a minha oficina?

— Estou com pressa, companheiro.

— Vai firme. Vejo que vender dá mais que fazer.

— Você é que é mais humilde, Dudu. Tchau, companheiro.

Ângelo entrou rapidamente no carro, arrancando veloz. Nem bem saíra de vista, quando um veículo da Polícia Federal encostou ao lado de Eduardo.

— Pode dar um pouco de atenção? Perguntou o policial.

— Como não? Qual é a preocupação?

— Conhece o rapaz com quem falava?

— Fazia tempo que não o via. Foi meu amigo de infância.

— De Rio Fundo?

— Exatamente.

— O senhor pode nos acompanhar até nosso batalhão?

— Como manda. Me deixa primeiro passar na minha fábrica?

— Vamos então.

O diálogo estava mais pra interrogatório:

— Conhece o sujeito com quem falava?

— Era amigo de infância, já disse.

— O que sabe dele?

— Me disse ter uma lojinha em Santa Rosa. É o que sei. Tem um irmão e uma irmã: Artêmio e Noêmia. O pai é o Nicolas Siemens. Gente boa que eu saiba.

— Falta pouco pra se saber tudo sobre as manobras que vêm do Paraguai.

Até você estava em nossa mira.

— Por que eu?

— É uma pequena rede que vem de longe passando por Rio Fundo. E tem coloninho carregando droga. E gente importante envolvida. O pessoal de toda a costa está em suspeita. Sabemos da migração de gente vinda de Alecrim e de outros municípios. Podemos dividir esse pessoal em quatro tipos: aqueles que trabalharam e desistiram não aguentando o tranco; aqueles do trabalho e ainda sobrevivem; os desistentes envolvidos em contravenções menores e aqueles dos crimes. Poucos são aqueles que tiveram sucesso, conseguindo como você maior sorte. Como sabemos de muito da tua proximidade antiga com Ângelo, pensamos em poder ajudar o rapaz.

— O que posso fazer?

— Ele está na mira de bandidos de Porto Alegre. Nós sabemos que está marcado de morte. Está invadindo território. Acho que tua amizade convence mais que uma prisão.

— Nem sei onde ele mora.

Depois de saber onde Ângelo parava, tomou a decisão de mover esforços pra ver o que fazer. À noite, tomou coragem. Apenas telefonou por saber de riscos que corria. Falou. Não convenceu, todavia, viu o

grande perigo sobre todos aqueles que de uma ou de outra maneira buscavam sobreviver. De fato, o tempo romântico de Rio Fundo passara de forma irreversível. Nas beiras floresciam os ingás e as gentes viviam como pássaros bicando entre areias. As farinhas e outros produtos já não mais financiavam as despesas de uma casa. A história força modelos de filhos diferentes. Nada mais cabia no antigo jeito de ser. A velocidade jogava para fora os rumos antigos e os amparos sumiam. Não havia nem pai nem mãe suficientes para pôr os filhos em segurança.

E NA HORA DE NOSSA MORTE

O fastio, a angústia, a inconformidade, a revolta, a precariedade, a ousadia e a vida em limites punham as casas em sobressalto. A prudência dada pela disciplina já não se fazia tão presente. Lisandra e Nicolas mais sofriam. Lisandra, por sua sensibilidade e cuidados temia por Antônio. Nele não se fazia nada de inconveniência social, mas dores fundas se precipitavam. Não mais havia consolo nas certezas da Teologia. As pedras do cotidiano o feriam mais que a outros. Os tempos trazem sensações desagradáveis diante das mudanças. Incertezas habitavam o quase menino. Bela promessa de jovem frágil em sua beleza masculina. Queria fugir das lavas quentes. Absolutizou a paixão tornando-a maior que a razão. Buscou afastar a desilusão na velocidade. Tempo de silêncio e lembranças tristes, a maioria e confortáveis algumas.

Dentre as confortáveis, doeu a conversa de padre Estêvão. Chegou e viu a dor de Lisandra. Rio Fundo sabia de seu dom de meter esperança onde pouco havia. Sei, disse ele, a dor da alma é a pior. Não tem o que fazer além de amar o que se tem. O menino se foi entre pedras. A bondade entre nós é o remédio.

Deixe-me contar uma pequena história, Lisandra. Contam teria havido, em Portugal, um tal de Dr. Jorge. Homem cheio de dores na alma. Sabia consolar com muita dificuldade. Homem endurecido de tanto lidar com gente que ia morrer: pacientes de câncer num hospital. Mas doeu-se por uma mulher que ia morrer. Clarice de nome, desiludida e em solidão. Não pediu remédios, mas um pouco de amor. Clarice pedia um pouco de amor ao ser humano desesperado. Ela falou assim ao médico:

— Quero um pouco de amor. Eu não quero morrer sozinha, doutor. Um pouco de ternura. Um pouquinho só antes de morrer.

E aconteceu um milagre. O doutor, um inveterado solteirão, saiu a passear pelo interior com sua paciente quase falecendo.

— Parecida comigo devia estar esta Clarice.

Ela se animou por andar com alguém que a cuidava. Ficou tão feliz por ser cuidada pelo doutor. Saíram a ver aldeias e pousar em casas por onde passavam. Clarice fazia o doutor parar o calhambeque sempre que se via uma várzea, um moinho, um bosque ou crianças correndo entre poeira. Algumas pessoas não aceitaram aqueles dois. Havia medo por serem estranhos. Até tiros foram ouvidos para espantá-los.

— Igualzinho como em Rio Fundo.

— Mas a maioria recebia o casal. O médico com sua paciente. Chegaram numa das aldeias quase vazia semelhante a Rio Fundo. O lugar levava o nome de Visitação. Lugar muito pobre. Clarice, ouvindo tudo, soube de um menino muito doente. Falou que trouxe um médico, coisa que nunca viram.

— Quem me dera tivesse eu um médico assim pra salvar o meu menino.

— Aqui tem um médico, o Dr. Jorge, ele é muito entendido — falou ela.

O médico estava louco pra não entrar naquele ambiente onde as galinhas se misturavam aos pombos e trapos numa mistura de fedor e monte de gente curiosa. O doutor, pressionado por Clarice mal se aguentando nas pernas, atendeu o menino. Clarice perguntou:

— Isso que vês não representa nada para ti?

A pobreza era tanta! Não havia remédio que pusesse salvação ao menino. O doutor não sabia o que fazer. Andava passeando com uma quase morta e se metia em lugar quase morto.

— Rio Fundo escrito!

Não sabia ao menos o que dizer. Então, ela cutucou o homem:

— Diga que tudo correrá bem. Tranquiliza a mãe do menino. Você só tem a cabeça cheia de remédios. Aqui a história é outra. A mãe do menino precisa de consolo.

Clarice voltou dias seguidos, comprando presentes e roupas limpas. Alimentou o garoto com muita ternura. O médico encontrou numa farmácia distante algum complemento alimentar. Assim Clarice

ensinou o doutor a ser gente. O menino ficou bom. Dias depois, Clarice faleceu, ensinando ao doutor o que é amor.

— Eu preciso um doutor igualzinho a este Dr. Jorge.

— Assim, Lisandra, agora diante da lembrança do falecido Antônio, eu peço para que choremos porque dói muito perder um menino. Eu não sei dizer mais nada. Estou apenas ao teu lado e do querido motorista Cristóvão. São Cristóvão levou Deus sobre os ombros. Peço que o pai ensine aos filhos que é bom ter Deus sobre os ombros mesmo que não se tenha muito o que dizer. Deus nos abençoe a todos. Chore Lisa, chore o que for necessário. Teus outros filhos precisam de teu sorriso. Faça como a história de Clarice: ensina ainda mais sobre o amor. Nós todos precisamos dele. Ele ainda é o melhor remédio. No meio da vida, a gente, às vezes, tem vontade de gritar como Clarice. Ela não pedia remédio, pedia um aconchego para sua dor, sua morte e para o guri da aldeia pobre.

O lugar chorou a perda do menino Antônio. Até Picoli, o colono mais contente que já se viu, derramou muitas lágrimas. Sairia de Rio Fundo por necessidade, mas não esperava deixar o lugarzinho que amava tanto. Lisandra carregara a todos de Rio Fundo. E eles buscavam ver se poderiam carregar sua dor. Os dias entre a vida e a morte foram contrários aos dias em que esperava o menino nascer. O parto da morte foi infinito e incurável. Somente Lisandra poderia ter a decisão de afastar a dor como quem mata alguém pra sobreviver. Assim fez.

Dois meses de lágrimas. Vertia tanta tristeza a ponto de a vila estar sem alento. Ela era alegria e a força das gentes sobranes. A natureza das casas agonizava. Uma natureza comida com ferocidade. Aquela vida entre poeiras e pedras amargava a alma dos filhos:

— Chegou a hora — falou ternamente — adeus filho. Não choro mais. De que adianta? Lágrima de mãe é imensa, ninguém compreende. Não quero mais consolo. Se Antonio não me ouviu tem quem me ouça.

Carregava, sim, a alma de Clarice. Voltou-se com mais afinco sobre os outros três. Roberto, Amélia e Betina mereciam atenção. As poucas casas não mereciam sua dor. Serenidade faz bem, não esta tortura. Viu, aos poucos, a dor se apagar embora o corpo tivesse

saudades. A família se consolava pelo acidente vendo a ternura dos poucos do lugar. Cristóvão, quieto, guardava outra vida silenciada. Todos se condoeram com o motorista, pois via em todos mais que passageiros: amigos a quem atendia de coração. Traz uma carne, traz um cimento, pega uma roupa, compra uma tinta, leva este peixe. Assim cuidava sem reclamação. Por isso, todos se inclinaram solidários em sua direção.

Os tempos serenos de Rio Fundo davam lugar a outros tempos. Perdem-se os costumes e as novas vestes não eram boas. Assim, três meses passados, mais ainda e contraditórias vinham as notícias do pessoal que se foi para as colônias velhas. Cristóvão, por ouvir muito e pouco falar, conseguiu saber do bem e do mal que se engendrava em Novo Hamburgo. Certa manhã, viu Artêmio se aproximar de um coloninho lá das costeiras de Pato Negro. Alcançou um pacote ao homem debaixo do cinamomo antes de iniciar a costumeira viagem até Santa Rosa. Fez-se uma dura conversa.

— Por que não leva você mesmo esta muamba?

— Que muamba?

— Não me leve mais este pó em meu ônibus. É velho, encardido, mas é livre de crime.

— Assim você me ofende, Cristóvão!

— Sei do problema que pode vir. Pelo respeito ao teu pai, o Nicolas, não me faça mais isto. E não engrosse que aviso o delegado já ali no Alecrim sobre o pacote que o pobre do Helmut está levando.

— Deixa quieto. Sei de teus contrabandos de farinha também.

— O meu pó é de outro saco.

— Deixa quieto. Só por hoje?

E se foram entre poeiras subindo a ribanceira até Erva Limpa. Helmut não suportou o olhar de Cristóvão ao pagar a passagem. Baixou o chapéu de palha sobre os olhos. Murmurou em sua direção.

— Juro, Cristóvão. Não faço mais isso.

— Perder a vida é ruim. Pior é ver o resultado desse pó. Tem muita gente chorando dentro de casa por causa dessa merda. O Eduardo, o filho do Mombach, chega esta semana pra ver o negócio do último hectare do pai. Falei com ele no velório do Antônio. Quem sabe a gente consegue um trabalho decente pra ti lá em Novo Hamburgo!

LISANDRA NÃO CHORA MAIS

— Que adianta chorar, Amália?

— Ele não volta.

— Isso é certo.

— Só um voltou.

— Escuta, Lisandra, se ele fosse eu, eu voltaria pra consolar. Custa tanto Deus sair de onde está?

— Não fale assim. So sed ma net, fró! Onde ficou tua fé? Prefiro ver Ele quando penso em Rio Fundo.

— Como?

— Assim, ó. Dois meses depois de perder o Antônio, eu fui até o rio. Sabe o que é ver a lua sobre o rio? Coisa muito linda. Conversei com Antônio, depois voltei olhando as estrelas. Deus é grande, muito grande. Deu pra gente tudo isso. E é preciso mais pra gente fixar duvidando dele? É certo, Jesus podia dar as caras e consolar a gente, mas sentindo o vento no rosto, pensei: “é Deus que me faz este carinho.” Outro dia fui até o Paraíso, não aquele que sempre dura. O Paraíso do Alecrim mesmo. Pode haver coisa mais linda? Desembarquei meu passageiro e vi o vale do Rio Santo Cristo. Puta merda! Não pode haver coisa mais bonita. Olhei pras banda de Tuparendi. Vi todas as tardes naquela tarde. Era a hora de os pássaros começarem a voltar pra casa. Pensei em voltar também. Meu velho voltava de Santa Rosa.

— Tu tá demais, Lisa! Nunca te vi assim.

— Pois é, Mália. Nem eu. E você dizendo que Jesus poderia descer de novo. Não precisa. Se estou conversando e te contando é porque ele dá força. A nossa conversa parece um vento bom. É a alma de Jesus que anda entre nós. É como o vento, não se vê, mas existe.

— Nossa! Tu tá uma santa!

— Nem tanto, Mália. Depois que Antônio se foi fiquei desse jeito. Meu velho diz que fiquei meio descontada. Nada! Padre Estêvão me ajudou um monte. Ouvi Deus pela boca dele.

— Que bom! Até conversei com a Ivone: será que a Lisa vai aguentar o tirão? To vendo que tá ainda melhor. Tu é demais, mulher!

— Acho até que estou mesmo. Sabe a diferença entre os bicho e a gente?

— Aí tem!

— Tem mesmo. Os bichinhos fazem os ninhos, trepam na primavera, cuidam dos filhos, vivem em bando. Tudo como a gente. Mas com a gente é diferente. Quando ando por aí canso de ir até a barra do Santo Cristo. To ficando esperta por esses morros. Te digo que desde Alecrim até Porto Lucena, conheço tudo. Uns acham que só dá coisa ruim. Eu acho que não pode haver coisa mais bonita. Dou volta e mais volta e caio sempre no rio. Em todo lugar ele anda levando a água pra quem quiser. Quem é que ensinou o caminho do rio pra se despejar na Argentina? Não sei certo. Acho que foi Deus. Quem desenhou cada canto tão diferente? É verdade, dá muita pobreza. Pois é o que te digo. Os pássaros voam e se criam, mas não choram quando olham pra tanta beleza. Eu choro. E me dá vontade de chorar só de contar pra ti. Te falei daquela noite que fui pro rio? Senti o Antônio nas alturas escuras do céu. As estrelas pareciam falar que o céu trazia um veludo onde se penduravam. Essa é a diferença entre nós e os animais. Quando um bicho morre nenhum outro fica chorando. A gente chora porque tem alma.

— Tu tá muito loca, Lisa!

— Tô e tô gostando. Olho também pra toda a região. Vou daqui até Porto Lucena: uma beleza em cada lugar. Tudo feito com capricho, tirando esta pobreza, é claro. Mas isso é coisa da economia, dizem por aí. É verdade, nós aqui da costa viemos porque não se encontrava coisa melhor. Mas se a gente olhar direito não pode haver coisa mais linda que estas descidas que dão no rio. E o rio não cansa de esperar. Até tira as mágoas de tanta gente. Lembra do índio morto? Foi o rio que tirou a dor dele.

— Paremo de conversa e vamo jogá uma canastra aí no Alecrim. Vamos levar umas pilsen que peguei do outro lado.

— Tá certo, Mália. E vamos ganhar de novo.

— Tenho até dó de tu metê tua vemaguete nas pedras, da subida até Erva Boa.

— Pior seria se fosse barro. No barro a gente afunda ou patina, das pedras a gente desvia.

UM PEITO FURADO

Nem bem dois meses se haviam passado das tristezas sobre Antônio, quando trouxeram o corpo de Ângelo: morte anunciada. Foi o desespero de Rio Fundo. Tinham por Nico um respeito compassivo. A comunidade ferida andava sem graça. Bem mais sentidos ficaram os restantes moradores em razão da maneira da morte. Quinze balas perfuraram o corpo do rapaz. Se a morte de Antônio trouxe consolações, a de Ângelo, vergonha. Constrangidos, vinham velar o quase menino. Um belo rapaz, diziam as poucas garotas. Abraçavam o Nico e a Frida em sentimentos controversos. Não havia piedade sobre o morto, piedade para os pais.

Artêmio chegou às escondidas. A comunidade toda já era sabedora de policiais querendo pegar o guri também. Temiam por ele. Chegou-se aos pais que solitários olhavam de olhar abandonado o corpo lívido do filho.

— Morreu, não sem antes matar dois dos bandidos que o pegaram de tocaia num ponto de drogas em Novo Hamburgo — falou Artêmio.

Ouviu da mãe uma resposta dura, fria, azeda pelo desespero, não entendendo o que a vida aprontara:

—Filho, vai para o outro lado. A polícia anda de ronda por aí. Vai até o Allebrandt. Já falei com ele. Chega de confusão. Não passe em casa que tem gente de ronda. Deixei um pão pra ti na canoa. Pelo amor de Deus, não me venha mais por aqui durante meio ano. Quem vai te visitar sou eu. A canoa está no barranco do Tchečov. Vá no escuro que a noite faz bem pra quem se esconde.

— E o que vamos fazer com os carros?

— Isso é coisa sem importância agora — falou o pai. — Se estão em ordem, vender. Se não, entregar tudo pra polícia, pra mostrar que a família é do bem. Deixa pra mim! Chega de confusão! A lojinha que era pra bobo ver, pode servir pra bolicho de sapato.

— E a mana? Isso não pode ficar assim.

— Te garanto que não fica! Agora vai. Procure um trabalho na Argentina. Deixe o caminho do Paraguai. Você sabe do que falo. E obedeça tua mãe!

— Chega um ficar assim, apontando para o morto — era a mãe.

— A senhora pode chorar de tristeza, mãe. Mas não fique tão braba.

— Estou faz tempo como a vaca que o padre Estêvão falou. Deixa pra lá. Vai já antes que te excomungue.

O maldito mal-estar cercava a sala do pequeno salão. Depois se fez um silêncio grave. Ninguém mais havia.

— Que história é essa da vaca do padre Estêvão? Instou Nico.

— Olhando para o filho morto, que o outro já se fora buscando socorro — a mãe falou.

— Você também é um touro lutador!

— É hora de se falar assim?

— E tem hora pra brincar? Um pouco de alegria nessa merda pelo menos distrai. Pois é home: o padre Estêvão contô a história de uma vaca. Havia uma vaca boa de leite. Ela teve um bezerro no mato. Uma cachorrada queria comê o bichinho da vaca. Ela, então, começou a lutá. Lutou três dia sem parar. Salvou o ternero. Eu lutei como a vaquinha e você como um touro pra criá o nosso piá. Não conseguimos nada. Aí tá ele todo furado de bala.

— Os outros dois acho que ainda vamos salvar.

— Do jeito que a coisa vai, acho difícil. O Pico transando com ela quando qué, quem é que vai querê ainda ela?

— Se a lojinha deles em Santa Rosa der certo, tudo vai se acertar.

— Sonha, homem! Sonha!

Já vinha o dia. Entrou a Noêmia, entrou o Pico. Vinha mais gente. A seguir, também o padre Estêvão. Veio também o Eduardo.

As saudações e as dores se espalhavam sem grande consolo. As únicas palavras se constituíam de “sinto muito”. Nada mais se dizia pra não soar falso. Baixo se ouvia.

— Onde foi?

— No peito.

Os olhares se dirigiam ao padre. Pico saudou-o, estendendo a mão, indiferente. Depois se dirigiu até Frida. Esta parecia pedir perdão como se o crime fora seu. Padre Estêvão firmou:

— A culpa é de um tempo mau que todos respiramos. Sei de tudo que fez por teu filho. Nem sempre se tem o que se quer. Nem eu sei controlar as nuvens más, querida.

— Obrigado — assentiram os pais.

— O senhor pode falar pra tirar um pouco a dor do Nico e a minha?

—.....

Por fim, falou:

— Queridos Nico, Frida e Noêmia. As dores são muitas. As nossas forças são pequenas pra evitar o mal. Tem gente que vive do mal e tem gente que é vítima do mal. Espero que Artêmio possa se salvar e Noêmia também. Não tem pai em Rio Fundo que queira que um filho ou uma filha vivam de maneira irregular. A dor e a morte é a consequência. Ninguém pode culpar o Nico e a Frida. Já falei que a maldade entra em nossas casas e não tem parede que ataque. Nico, pode contar comigo pra regularizar a situação da loja de Santa Rosa. Ela vai servir pra usar bons sapatos. Noêmia, concorda em poder dar uma mão nesta tarefa?

Fez-se um silêncio constrangedor. Pico suava, todo constrangido.

— O que diz de meu pedido, Noêmia?

— Aceito de todo coração, padre Estêvão.

— Assim haverá um pão decente. Se a loja serviu ao mal, agora vai servir pra um trabalho bom. Eduardo, o bom filho que sempre volta,

veio enterrar o amigo de infância. Ele servirá de auxílio pra que a família Siemens possa estar melhor. Não é a primeira vez que a morte traz vida. Cristo também morreu assassinado, embora as razões fossem outras. Deus nos ajude. Beijo a dor de quem sofre e amo aqueles que fazem o bem e o mal. Ninguém pode se achar inocente desta morte. Por isso, para reparar o mal feito, cada um deixe de pecar por atos e omissões. Que ninguém mais pague com a vida o próprio pecado. E como estará Ângelo diante de Deus? Por certo Deus perdoa as loucuras da juventude. Deus tem dificuldade em perdoar a quem estimula o mal.

Se Pico se fez de desentendido os outros sabiam o destino das palavras. A vida continuava em despedidas.

PICOLI: UM SONHO LONGO

Ousadias podem ser ditas do senhor Picoli a partir da sua intenção em comprar duas colônias de terra nos fundões do Mato Grosso do Sul. Foi até lá e por ver árvores lindas e terras negras não mais duvidou em sair de Rio Fundo. O que vão fazer aqui meus filhos? Falou o homem pequeno, feito de pura decisão:

— Faça o diabo pra me ir, mas me dói sair.

E tudo fez em sentimentos contraditórios.

A amizade com a gendarmeria, feita ao acaso, rendeu-lhe um caminho de utilidades. O amigo Killing, alemão bem pronunciado, colono, louco pra trazer uma ceifadeira de Horizontina, prometia um bom dinheiro se conseguisse atravessar a grande máquina pelo rio. Era a medida justa da parte dos recursos para completar a compra daquelas duas colônias de terra. Se viesse com notas, uma em cima da outra, bem que o o sonho poderia chegar a três colônias. Entraria em êxtase capitalista. Dia e noite passou a engenhar uma maneira de entregar a tal máquina no outro lado, ao senhor Killing. Foi até Horizontina pra ver maneira de repartir a máquina em peças a serem atravessadas. Narrou sua história ao engenheiro e com ele engenhou uma forma de levar a bichana em peças separadas. Alugou as melhores canoas pra compor uma balsa. O engenheiro sensibilizado pela história do colono de Rio Fundo, deixou a máquina de um jeito certo para atravessá-la. Diversos obstáculos foram superados semelhantes a uma operação de guerra.

E como distrair os guardas argentinos? Essa ideia vinha sendo passada a limpo durante dois dias. Raposa com fome sabe lidar com galinhas. Foi até o posto dos guardas em Alba Posse. Conhecia el jefe dos guardas. Já havia levado produtos brasileiros ao jefe sem tirar lucro. Agora viria sua vantagem. Falou ao guarda sobre alguns porquinhos assados, pombas, churrasco e linguicinhas de Santo Cristo e outras comidas. Falou-lhe sobre os últimos acontecimentos de Rio Fundo. El jefe interessou-se mais sobre um porquinho à pururuca que os cuidados na costa. Picoli, com jeito de fuinha esperta, falou em convidar os guardas de ronda. Ele em pessoa viria preparar a composição alimentar.

Chegaram a um acordo. Marcado o dia, Picoli cumpriria a promessa de mostrar as habilidades de chef. Dois grandes esforços foram associados: levar o alimento e transportar a ceifadeira. Embora o Rio não estivesse tão calmo, conseguiram ajustar as peças sobre a balsa. Os dois filhos de Picoli, mais ágeis que o pai na lida de barcos, foram os timoneiros da original façanha. Afinal, desculpava-se o pai diante da transgressão: é para seu Killing sustentar os dele e eu os meus. Os gendarmes apreciaram o porquinho pururuca e um churrasco bem gaúcho. Até a mudança da família Picoli, foram oferecidas mais duas festas no estrangeiro. Mais duas ceifas, completando-se o valor necessário para três colônias.

Mais pobre e mais triste tornou-se a vida de Rio Fundo. Madrugada de outono de 1985, Picoli e os filhos partiram para Rio Brilhante. Lá tem uma vila que se chama Nova Alvorada do Sul. Coisa linda de terra nova. Pra lá que vamos. Picoli e os filhos Pedro e Paulo foram levando a mudança. O velho caminhão, de tantas farinhas carregadas, levava a pequena mudança. O sonho entre Rio Brilhante e Alecrim perfazia uma distância de mil quilômetros.

O sonho de Picoli foi se desenhando conforme os propósitos, semelhante ao projeto de Eduardo e mais recentemente ao desejo de Nico. No caso de Nico, o velório teve bons efeitos. Santa Rosa teve uma lojinha de sapatos da Fábrica Mombach e Noêmia não precisaria entregar sua intimidade a qualquer um para sustento da família. Muitos anos depois, ela ainda guardava alguma saudade.

De todos os acontecimentos de Picoli, destaca-se a viagem dos mil quilômetros.

Antes de montar no velho caminhão, porém, não dá para esquecer a tristeza da comunidade em perder aquele que sabia contar causos e dizer palavras certas. E ele tinha moral para animar. Os anos 80 começavam mal pra Rio Fundo. “Se eles se forem, a coisa vai mal.” Dizendo isso, Amália, senhora de respeito, queria dizer que um buraco se faria na vida de todos. O fato de transportar ceifas sobre canoas tornou-se emblemático para mostrar que a alma não é feita de pouco tamanho. Lágrimas furtivas eram derramadas por saber que o tempo da alegria se esgotara. A esperança se desmanchava no ar como o fumo.

Poucos olhos sobriariam pra se encantar diante da neblina iluminada pelo sol. Sua extensão brilhante seria inútil. Os peixes descansariam, enfim. Os sons líquidos das águas provocados por pequenos barcos seriam poucos. Os remos apodreceriam debaixo dos sarandis. Silenciariam os gritos alertando do perigo dos guardas. As poucas terras boas já não mais se dividiriam. Pico e alguns compradores sorriam pelo pouco preço dado pelas aquisições. As pedras faiscariam solitárias. Poucos moradores sobraram do ciclo romântico que se extinguiu. Toda a depressão se revelava mais certa com a saída de Picoli. O sonho aliviava qualquer saudade e lá se ia com o velho roncador. Em breve chegariam os sons loucos de barcos movidos a motores de muitos hps. Campeonatos de motonáutica: pouco se faria pelo bem das águas. Nessa onda toda de despedidas, Cristóvão também se foi pra Alecrim. Aposentado e sem passageiros, acabou-se o ciclo de Lisandra também.

PICOLI A CAMINHO

A terra chora prlos moradores, sonhara Picoli na última noite de Rio Fundo. Até as pedras não mais fariam o eco das risadas. Ao sonhar, chorou por saber-se ausente dos pedregulhos. Ao acordar, estranhou com a lágrima feita de sonho. Saltou da cama e chamou os dois rapazes:

— Levanta Pedro! Levanta Paulo!

Lá se foram. O estirão de estradas difíceis era longo. Mal se haviam adentrado nas terras de Santa Catarina, quando Afonso Picoli mostrou um cansaço desconhecido.

— Que coisa é essa? Toma a direção aí Pedro.

O pai estava feito de branco.

— O que é isso, pai?

Viram lágrimas.

— É nada. Uma vez eu disse que não sairia nunca do Rio Grande. Agora estou pra morar no fim do mundo. Já estamos em Dionísio Cerqueira e o Rio Grande já está longe. Me dói.

— Fim do mundo é Rio Fundo — consolou Paulo.

— Frescura minha, filhos.

Os dois rapazes se entreolharam, estranhando a comoção do pai.

— Me dê a direção novamente, Pedro.

— Vou mostrar que Picoli nenhum se entrega assim no mais.

Antes de chegar à região de Toledo é que se sentiram mal. O par de porquinhos fora esquecido. Quase morria. No primeiro riacho pararam pra aliviar o calor dos animais. Novamente Picoli mostrou-se comovido. Salvaram os bichinhos. Deram água e milho prometendo não esquecer os companheiros abandonados.

— Pai vem cá, o senhor mal se conteve por causa dos leitões. Explica o que está acontecendo.

— Vão se enxergá, pentelhos! Depois que saí de Rio Fundo tudo me dói. Fiz o que pude. Lá me alegrei. Lá trabalhei. Comprei porquinho, pesquei, fiz chibo, atravessei gado, colhi sobre as pedras, lá tive vocês um por um, como se da mãe de voceis fosse nascer o menino Jesus. Quando nasceu a mana naquela casinha de nada, um mundo bonito me nasceu. Tudo isso foi em Rio Fundo. Não mais vou rir com meus amigos.

— Mas ninguém morreu!

— Tudo que eu disse morreu porque não tenho mais aquele lugar! E vão à merda! Me deixem chorar, desgraçados.

— Pode chorar, veio. Agora vamos ter o nosso lugar.

— Vou fazer de tudo pra que seja um bom lugar. Pra termos uma casa de primeira. Eu vi as árvores de nossas terras. Mas me deixem sentir o que já foi. Pra vocês o amor tem lonjura, pra mim tem largura e um pedaço da largura se foi. Olhem aí o motor. Está esquentando demais. — Parem o bichano! — gritou o pai.

Levantaram o capô. Não deu outra: a água se fora. Vão buscar água que o sensor da ventoinha se foi. Iremos aos trancos até Dourados. Lá vamos numa mecânica pra ver melhor a febre dele. Até que veio bem! Paulo saiu louco da vida com um balde e depois de uma hora retornou com a água. Veio resfolegando. Assim se foram de cinco em cinco quilômetros: nova água. Ainda bem que as casas já sabiam do costume: ajudar a gauchada e os catarina.

Paulo e Pedro ficaram em Dourados. Pela manhã do quarto dia de viagem, Picoli tomou um ônibus. Eles já sabiam o caminho a tomar. Nova Alvorado do Sul distava em torno de cinquenta quilômetros.

Estela, Tiago e Gina estavam feitos de angústia. A mãe não chorava pra conforto dos dois.

— Olha o pai! — gritou a pequena, pouco fazendo da vizinhança.

Os três fizeram de menos dos grandes olhos feitos sobre eles. Gritavam muito.

— E o Pedro e o Paulo! O caminhão?

— Calma gente! Tudo bem! Abraçou—se em lágrimas como se daí proviesse a salvação do mundo.

A explicação, afastadas as lágrimas, não convencia.

— Por que o pai chorou quando chegou?

— Muita, muita saudade, muita saudade!

Dia seguinte, chegaram Pedro e Paulo.

Foi dura a espera da noite. Foi aquela alegria por se verem reunidos. As terras distavam cinco quilômetros da vila de Nova Alvorada. Amanheceu o dia de encontrar um local definitivo. Agradecerem a boa vontade própria de migrantes. Estela e Gina permaneceriam por conta da solidariedade oferecida. Não houve quem fizesse Tiago, de doze, ficar com a mãe.

— Não tenho medo. Posso pegar água, fazer fogo, juntar os galhos, cuidar do fogo, tratar os porquinhos, pescar, lavar a louça no rio que o pai falou. Faço qualquer coisa. Não quero ficar aqui.

— Tá bem! Tá bem! Vamos lá.

Chegados ao local, tudo dizia da importância de decisões. Da última vez da vinda de Picoli, acertara as licenças para o desmatamento. Sobraria terra para o cultivo. Parte do mato já fora destruído pelos exploradores da região. Ergueram, então, a barraca e dos troncos já derrubados, aproveitaram alguns para a construção da casa. Tábuas trocadas pelas toras. Os desenhos da casa agradaram Estela. A casa foi feita.

Os dias correram quanto os Picoli corriam. Seguiram-se os meses e poucos diriam que um homem, dois jovens e um menino transformariam um lugar ermo em vida de animais e de gente.

As colheitas começaram a render. Rapidamente, se foram os rapazes para Bolívia a comprar mais de mil hectares. O trabalho frutificou por elevados percentuais a cada ano. Somente Picoli envelhecia descontente. Desde a viagem vinha em ritmo diferente dos outros. Um ânimo forçado habitava o peito.

Ao quinto ano de vida na comunidade do interior de Alvorada, Estela deu no grito sobre a insatisfação de Picoli.

— Desde que chegamos vejo você como se estivesse em trabalhos forçados.

— De fato, deixei Rio Fundo pra esquecer. Mas que coisa! Tenho uma saudade de tudo o que deixei. Talvez, pra esquecer seja um santo remédio dar uma passeada.

— Vamos juntos, então. Vejo minha gente e você mata o bicho que te mordeu.

— Vamos de carro que os pila dão pra isso.

Foram e voltaram. Os cinco anos de lugar distante tonaram Rio Fundo irreconhecível. Gente estranha tomava conta de tudo. As terras de Pico e de mais alguns serviam para a produção maior. A barranca se transformara num centro de lazer. As casas eram estranhas, mas lindas. Os moradores, desconhecidos.

LISANDRA NARRA A MORTE DE RIO FUNDO

Picoli foi ter com Lisandra pra saber dos acontecidos do lugar. Primeiro vieram as amenidades de chove ou não chove. Puede llover como puede no llover... E outras notas sem importância. Quando Picoli mostrou interesse sobre os últimos tempos do lugar, a charla foi outra:

— Muito bem, Picoli, a coisa é séria. Acho até que o nosso Rio Fundo morreu e de morte matada. O Pico e mais alguns, pagando uma mixaria, ficaram com as melhores terras. Foi aquela pobreza crescendo como milhã. Os barcos não remam mais. To viúva e morando no Alecrim. E os mandante de lá mandam aqui também. O meu filho, lembra do Roberto, meu filho mais veio? Pois quis continuar o trabalho do Cristóvão. Até isso os merda trampearam. To puta da cara com esses desgraçados.

— Soube da morte de Cristóvão. Homem bom era aquele.

— Muito bom. Quem diria que ele era de aprontar. Quietos como um santo de altar lá de Rio Fundo, mas me fez isso. Não é que veio a filha dele me falar: — Sou filha do Cristóvão. Mandei ela se ver. E não é que ela é bonita? Aquele cara de cusco caçador me aprontou. Mas no último dia de finados fui lavar o túmulo. Falei pra ele ouvir. Tu tá aí no fundo e eu to aproveitando tua pensão, cervejinha por cervejinha. Não choro mais a morte de ninguém. Brinco com minha viuvez.

— Tenho saudade dele e de Rio Fundo.

— Bobagem! Bobagem, Picoli. Não lastime a sorte de Rio Fundo. Ele não existe mais. Acho que sobrou só o Silvino e a Amália, gente querida. Acho que criaram raízes e não conseguem arrancar.

— O único que anda por lá e mora aqui é só o Pico. Não sei como não mataram o desgraçado.

— Me falaram de um negócio do Cristóvão. Parece que meteram areia num negócio de ônibus e por isso ficou perdido como cusco em procissão.

— Muito perdido mesmo. Nisso eu divido com ele a tristeza. O pobrezinho foi fazer um negócio maior que as pernas. Mas não sei se cortaram as pernas dele.

— Sempre tem um filho da puta pra atrapalhar.

— Deu na cabeça de fazer viagem de excursão. Não é que comprou um ônibus em sociedade. Deu em nada. Não sei até hoje se o sócio negou a parceria ou se botaram areia no motor deles. Sei que deu em nada o sonho do Cristóvão. Deu um banzo no homem de fazer dó. Foi se entregando numa grande tristeza. Foi mirrando, mirrando. Até levei ele pra Porto Alegre. Uma depressão braba matou meu homem. Não sei se só meu, porque nas hora de folga em Santa Rosa ele mijou fora do pinico. Não é bem mijar... Mas é por aí. O Nélio lembra dele. Pois não é que se dizia meu amigo, até corrida de graça fiz pra ele, me deixou na mão. Ele é que ajudava a segurar as pontas no cuidado da vó, da mãe e da criança. Pois a moça era a cara do Cristóvão. Nem o tal do DNA precisava fazer. O rosto bonito do desgraçado aparecia na guria. O bom, nem sei a razão, foi que ela nunca veio pedir bexiga pra mim.

— Você sempre alegre, Lisandra. Não é como eu que nos últimos anos só sentia uma dor grande por deixar o nosso lugar.

— Só se é o teu porque não é mais o meu. Uma, que não olho pra trás desde que morreu meu Antônio, outra, que aquele lugar sumiu.

— Foi o que reparei. Voltei achando encontrar meu lugar. Achei o que não tem nada a ver com meu Rio Fundo.

— Só pra ver. É melhor voltar pra onde os teus filhos estão se dando bem. Aquele mundo de vida simples, cheia de fofoca, de chibo, de dificuldade, de filho pequeno... Tudo sumiu. O rio engoliu. Mas e a Estela? Lembro dela muito bem. Coisa feliz era aquela com filhos. Você peleando como louco pra sonhar alto. Lembro dela num caíque trazendo farinha comigo, a água batendo quase nas bolsa de farinha. Nós era forte como o diabo. Deus sempre ajudou a gente.

— É de tudo isso que me dá uma saudade que vem do fundo.

— Esquece, home. O que passou se foi como um ventinho miúdo. Tá sofrendo de bobo.

— Verdade, Lisandra. E a tua Vemaguete, cadê?

— O passado comeu. To de um carrinho novo que é pra me levar pras amigas. Jogo uma canastra que só vendo. Às vez, um bailinho que é só pra lembrar. To velha pra namorar. E não tem um velho decente. Todos uns caco mal cuidado. Não to pra disputá porcaria. Fico na minha cervejinha. Olho então pras amigas. Um bando de viúva, mas ninguém mais dá um pila pelo que passou.

— Vou também ver melhor o que eu tenho.

— Acho bom! Os olhos são feito pra olhar pra frente. Foram feito na cara, não na nuca.

— Me conta mais, Lisandra. E o que deu da família do Nico?

— Bem, de Nico Siemens e sua família pode—se dizer boas coisas. Se Ângelo foi assassinado, Artêmio se livrou em tempo da mesma sorte. O estágio em Oberá fez bem ao rapaz. Carregou caixotes em Supermercado. Namorou uma castelhana decente. Fez cidadania argentina. Trazia dois filhos pra Frida curtir em Santa Rosa. A polícia arquivou toda denúncia.

— Aprendeu no trabalho a levar a vida.

— Não só isso. As quinze balas no peito do irmão curaram o gosto pela aventura de dinheiros fáceis. Lembra da Noêmia?

— Quem é que não lembra dela?

— Ela foi estudar em Santa Rosa. Ficou uma bela professora. A mãe dela, Frida, atende a lojinha de sapatos. Faz bom lucro. Desde a morte de Ângelo, Eduardo encaminha sapatos com pequenas falhas pra fazer negócios e uma pequena fortuna. Nico mandou fazer uma casa pra lazer em Rio Fundo, facilitando a vinda de Artêmio.

— Olhando assim parece tudo fácil.

— Nem um pouco. Eu estou resumindo. Nesse tempo todo, as brigas foram feias. O padre ajudou até a Noêmia com muito conselho. Pois não é que a guria sentia muito a falta do Nico? Ela gostava das coisas dele: assim se diz em boca pequena. Aí também o padre Estevão enfrentou o bem bom. Falou pra ele sobre os crimes dele. Se não fosse o

padre se encontrar com Noêmia, a polícia entraria em questão. Quem ouviu a conversa de Deus e o diabo eu não sei. Sei apenas de eles quase se pegaram no pau pra valer.

— Como assim se pegar no pau?

— Não seja maldoso, homem! O padre ficou bem homem e até ameaçou matar o desgraçado. Teve gente apartando. O que se viu depois foi o padre ir até a delegacia.

— Nossa! Até onde chegamos!

— Vamos parar com sofrimento. Volta e meia, Nico convida o velho professor Inácio para uma pescaria. Lembravam do índio Raimundo. Aparício se foi pra São Miguel, ali nas Missões. Como ia te dizendo não vale a pena voltar para trás. Até a casa de Tchecov desapareceu. Nem esse caçador de origem russa mata mais as pombas nos poteiros do outro lado. Brincavam até com o russo. Ele dormia numa casinha debaixo das árvores. Curava sua ressaca enquanto as pombas se divertiam ao redor. Vinha o companheiro, Estanislau Grabinski, para acordá-lo dando um tiro nelas. Dividiam as bichinhas retornando então com o barco que não mais se vê sobre as águas. Adoeceu e nem ao menos o melhor hospital em Porto Alegre conseguiu reverter a cirrose dele. O amigo Grabinski foi visitá-lo. E numa manhã sem sol foi se despedir. Encontrou o amigo recém-falecido. Na sala dos mortos do hospital ele foi fazer sua oração. Por mais que rezasse não conseguiu acordá-lo, não havendo mais nem pomba pra dividir nem barco pra voltar.

— Que coisas feias você me conta!

— O fim de um tempo não é coisa de se vê. É igual a morte.

— Espichando a conversa, onde foi parar o baixinho Knorst?

— Como ia dizendo, um por um dos moradores saía de Rio Fundo. Ficaram apenas uns três moradores para contar a história. Então, o pequeno Knorst acabou se matando em Sapucaia depois de ver sua situação de vida ir de mal a pior. Começou trabalhando em Novo Hamburgo, mas com a crise do setor calçadista, ficou correndo de cima pra baixo, tentando até ser lixeiro. Em razão das pernas curtas e velhice,

não aceitaram mais serviços dele. Montou uma casinha numa estrada vicinal de lá. Se enforcou, o coitado. Os vizinhos até riam da situação: o caibro podre onde se pendurou, por detalhes, não veio abaixo. O homem estava um fiapo. Uma mulher pequena junto ao cemitério municipal foi a única a passar a noite velando o corpo do homem. No dia seguinte, o filho Emanuel, não sei se lembra dele?

— Como não? Pequeno como o pai.

— Vieram de Lajeado os netos e mais uma filha para prestar uma homenagem. Um pastor veio rezar por ele dizendo:

— Que sua alma lavada pelo sofrimento, tenha bom descanso e Deus lhe dê um emprego. Como paga, uma felicidade de fazer rir quem pouco riu.

O pastor, trazido pela filha, afiançou que o sacrifício fora demais. A dor passou dos limites. Agora teria um descanso ilimitado. O filho foi ter com a mãe pra saber dos detalhes perguntando:

— Como ele chegou a este ponto, mãe?

— A doença vem de longe! Respondeu a pobrezinha.

Quando saiu de Rio Fundo já sofria de tristeza. Melhorou quando conseguiu um emprego. Depois que você foi pra Lajeado ele chorou muito. Quando perdeu o emprego ficou de um jeito de dar dó. Viemos pra Sapucaia pensando encontrar um emprego, aí o teu pai piorou. Fomos até a unidade de saúde. O médico receitou uns remédio. Cadê dinheiro? Ainda semana passada, ouvi ele rezando:

— Jesus, Maria e José ajudem pra saber se devo ou não devo me matar.

Acho que não ajudaram e ele se matou.

A notícia chegou em Alecrim. Admiravam-se os poucos de como era feliz o pequeno Knorst. Não deveria sair de perto do antigo lugar. Não dava muito lucro. Bem pior foi o resultado final da decisão de ter partido.

Por bom tempo as gentes comentavam de outros ribeirinhos que se espalharam pelo Vale dos Sinos. E sobre isso Lisandra e Picoli conversavam também.

As conversas se estendiam longas. Até filosofavam sobre a vida. Os antepassados saíram dos Sinos sonhando. Os descendentes voltaram com pesadelos. Quando a história se impõe rompendo os costumes, somente alguns se livram de seus efeitos. O efeito do ciclo de uma frágil economia, baseada na sorte, acabou por vitimar tanta gente. A maioria dos comentários girava em torno de lutas e grandes sofrimentos. Também diziam do bem que aconteceu. Alguns resistiram diante das ameaças. Muitos dos resistentes tiveram coragem essencial para cumprir um destino melhor, como o caso de Picoli e os Mombach. Provavelmente, o engenheiro de Horizontina não esquecerá o feito de Picoli atravessando a ceifadeira. O gesto de Antunes não ficou por menos. Redundou numa amizade muito alegre. Falavam do Eduardo. Quando vinha pra Rio Fundo pra rever amigos ou se despedir de alguém que buscava outra sorte, não deixava de vir até o amigo Onofre e agradecer dona Francisca. Outros resistentes e mais outros engolidos pela história, deixaram um legado de sortes diferentes. Assim se iam os papos: sumindo aos poucos. Por não haver políticas sociais ou as tendo pouco efetivas, resultaram a sementeira de pessoas, desmanchadas, vivendo da frugalidade e do improviso. Era disso que mais se falava. O Rio Fundo tornou-se um motivo de lembranças para todos. E entre elas será contada, por muito tempo, a história do fim de Alfredo Mirandola, o Pico.

— Bem, Lisandra a senhora sempre agradável e bonita. Dá gosto conversar.

— Não vem me cantar — riu-se toda — desse jeito, te toco uma união estável e te tiro uma colônia de terra e das boas. Não quero encrenca com a Estela. Mande um beijo pra ela.

O PICO E O DELEGADO.

— Sujeito mau como aquele já deveria nascer morto.

Foi assim que uma vez se expressou o professor Inácio. O delegado já havia falado isso pra ele. Mandou chamá-lo, depois da conversa com o padre.

— Olha Pico, tome cuidado! Não quero dizer nada, mas você é um caso de morte anunciada.

— O que quer dizer com isso?

— Você está provocando a morte de perto. Ela é cruel. O ofício da morte é implacável e simples como o carrasco que corta cabeças. De nada adiantam discursos ou dinheiro no bolso. Aí está ela cumprindo o dever de romper, de qualquer jeito, o que se preza. Ela sempre está pronta pra pôr seu dente.

— Não venha com lero-lero. Você está insinuando que vou morrer.

— Não sou taxativo, mas todavia e, entretanto, como diz um papudo que conheci, ela pode te surpreender.

— Tá pra nascer o filho da puta pra me ameaçar.

— Você conhece a morte do Centurião, o valentão de tantas carreiradas. O alejadinho que o matou com um tiro chegou e disse:

— O senhor é um cagão. No estalo do chicote sobre o mirrado homenzinho se ouviu um só estampido. E o Centurião caiu do cavalo, mortinho.

— Mas ele sempre humilhou o alejado do jequinha que andava, ora subindo, ora descendo quando caminhava.

— Estou só te avisando e não quero mais trabalho pra mim. Tem gente ressentida por aí. Lembra do Artêmio, irmão da Noêmia? O Aparício, então, sempre achou que foi você que deu cabo do índio Raimundo. Quem é que descarregou tantas bolsas dos chibeiros... Você vai dizer que foram uns queras de Santa Rosa. E tira da cabeça desse

povo que não foi você o mandante. E o pessoal das terras compradas por você. Não têm nada a dizer? Até o padre tá a fim de encomendar teu corpo.

— Escuta, senhor delegado, você mesmo andou investigando e nada de ilegal foi achado.

— E o Cristóvão, você acha que ele perdeu de graça o direito de andar com o ônibus de excursão?

— Perdeu porque dormiu no ponto. Não leu as normas para ônibus de excursão.

— Não é o que dizem por aí.

— E o que você está fazendo com a filha do Honório lá de Pato Preto? Você acha que não existe nenhum ressentimento por parte do pai? Você sabe que ele já derrubou um.

— Com ele tudo bem. Sou quase da família.

— É aí que mora o perigo.

— Você parece mais um fofoqueiro que um homem da lei.

— As fofocas são perversas, isso eu sei de cor. Por isso mesmo carregam uma maldade quieta no ar. Tem gente ressentida e atrás vem um ódio cheio de vingança. Estou te falando, te cuide. A lei nem sempre tem braços suficientes. Pode alguém se achar mais que a lei. A lei, você sabe, mede tudo, mas nem sempre consegue segurar o braço da raiva. O braço dela é louco, mede muito pouco.

— Eu sei, fiz minhas loucuras por aí. Agora estou aquietado no meu canto. Nada do que fiz ficou sem pagamento. Sou o mais honesto dos homens.

— Está bem, seu Alfredo. É, eu acho que vejo demais e escuto demais. Não ligue pra aquilo que escuto e vejo, talvez não faça sentido.

— É o que penso também. O meu amigo delegado anda muito sensível. Está mais pra vigário que pra delegado.

— Por falar no padre Estêvão, ele andou se queixando de tanto velório. Nunca rezou tanto assim por falecidos.

— Se encontrar o homem diga que sou um convertido.

— Yo lo creo! San Alfredo de Rio Fundo!

— Não se brinca com essas coisas.

Depois se despediram com ressalvas no ar.

“Essa minha gente, boa e má, provavelmente será apenas uma pequena exceção nessa oficina de Deus” refletia depois o delegado. Ele parece descansado, sem ver toda essa miséria. A maioria escondida nas casas que se esvaziam por toda costa. Alguns, como esse que saiu, andam à tripa forra. “Quase todos perdidos entre ficar e partir” ainda pensou o delegado antes de dar início a uma investigação sobre roubos. Os castelhanos estão começando a agir deste lado. Troca de favores... Santo Deus! Riu, para finalizar a matutagem.

Depois da conversa com o senhor delegado, Pico saiu meio desamparado. Não aceitava que alguém viesse despertar qualquer dissabor em sua elevada autoestima. Nem sua mulher poderia recriminá-lo. Foi matutando: “Pois já não é mais a mesma mulher de quando casei. Antes fogosa, agora desejo algum. Era vibrante em tudo que fazia, agora mais que faz é reclamar. Antes doce, agora amarga.” Dos filhos ela não poderia reclamar. Ele dera pão e pão teria até pros netos. Ludmila é que mudara por inteiro. Sabia de campereadas, afinal, era um velho costume. “Que podia fazer, sou viciado em china nova. A pobreza da costa era grande e meu dinheiro alimenta. Jamais maltratei mulher. Gosto de elegância. Vi ela chorar, mas é coisa de mulher. A Ludmila é uma chorona.”

Assim foi dirigindo sua hillux até Pato Preto. Ao chegar na casa de Honório, viu o cenho fechado do pobre colono. A filha já se apresentava entre envergonhada e satisfeita. Afinal, o velho não era de se desprezar. Já fazia dois anos que assim vivia. O pai falava já em união estável. Garantiria a estabilidade dela, do pai e da mãe. O Honório foi saindo deixando a casa para o amante. Uma raiva inóspita o atingia pra valer quando encontrava o Pico por aí. Raiva maior quando este, com riso falso, o chamava de meu quase sogro. “Mas que fazer... Deus permita que dure um pouco mais. Estou registrando o tempo que já está com ela. Ele vai pagar caro esta união fingida. Consulte um advogado que

também via vantagem por entender esta relação como união estável. Pra mim é putaria, mas minha mulher está também me convencendo que é coisa séria. Daqui a pouco vem um muçulmano querendo realizar o casamento,” riu-se de uma amargura honorina.

Ao sair da casa, Pico encontrou Honório. Saudou-o efusivo, devolvendo um punhado de boletos pagos e no meio, um bom dinheiro. Saiu sem graça ao perceber um olhar sem brilho no homem.

Uma hora depois, chegou em casa mostrando cansaço.

— Nem sabe, minha querida, o cansaço que dá pra olhar todas as terras. A soja tá uma lindeza. Vamos faturar alto.

— Preferia menos dinheiro e mais atenção!

— O dinheiro é cruel como dizem por aí. Se não se cuidar dele, ele desaparece.

— Mulher também é cruel quando é deixada de lado.

— E eu, por acaso, te deixo?

— Não venha se desculpar. Sei por onde andou. Bem, agora passou por aqui a Lisandra. Me perguntou o que tu andava fazendo na casa do Honório. Sei de tuas trapças e sei de tua canalhice comigo.

— O que é isso mulher?

— É sem-vergonhice! Não sabe a vergonha que sinto quando as pessoas passam por mim. Não vai pensar que a Lisandra não sabe o que se passa naquela casa.

— Ela é que fica imaginando coisas e pondo coisas na tua cabeça. Fui sim até lá. Ele cuida pra nenhum castelhano ou qualquer chibeiro roubar de minha plantação de melancias. Só da última safra ganhei mais de dez mil reais.

— E a melancia de lá é boa?

— Deixa de inquietação e de indiretas. Estou inteiro e louco por ti, Ludmila.

— Te manda antes que te mato. Sei também do caso da Noêmia. Todo mundo comenta do sermão do padre Estevão. Faz tempo, mas não esqueço. Passou vergonha em público e não aprendeu.

— Padre Estêvão também é um metido. Não ponho as mãos no fogo por ele. E vem se achando um santo.

— Te cuida! Minha paciência está no fim.

— E vai fazer o quê? Me matar?

O olhar de Ludmila se mostrou frio. Nunca vira os olhos dela tão cheios de ódio.

LISANDRA EXPÕE MEMÓRIAS E OPINIÕES

Ninguém em Rio Fundo pode esquecer dela. Ela não faz parte do rio do esquecimento. Podem esquecer palavras e histórias, mas não a mulher Lisandra. Sabia de cor e salteado os maiores problemas. Ouvia os pecados de todos mais que o padre Estevão. Entre sacolejos de sua Vemaguete, andava pela costa por picadas e estradas. Subia, quase todos os dias, nos “áureos” tempos, o perau até Erva Limpa. Sentia como se lhe tirassem parte das carnes ao ouvir as histórias de Pico. Ele não se botava muito com os colonos mais fortes lá de cima. Estes sabiam o valor das terras. Diferente dos ribeirinhos, mal se sustentavam entre pedras, perdendo até o costume dos trabalhos austeros.

Apesar de todos os sustos não perdera sua altivez. Se consolava ao narrar sua história. Vivia de sua filosofia: quando necessário se inflamava, não se amedrontava, não desconsiderava, não pretendia converter ninguém medindo as coisas e os fatos com respeito. Apreciava abrir a boca para dizer de fatos relevantes e irrelevantes. Enfim, amava a vida. Os filhos já haviam se casado. Seis netos faziam uma alegria, mas não se pejava de reclamar quando ficavam por dias em sua casa. Queria mais de tudo é ficar sem compromissos por muito tempo. Amigas, com as quais se divertia, valiam muito agora. Não lhe faltava ternura. Deixou de lado dividir apelos afetivos. — Homem basta um — dizia. Por ter o que dizer, falava. Abria a boca e lá vinham muitos passageiros. Feridos, negociantes, argentinos, mulheres tristes e alegres.

— A costa dava de tudo — afirmava com paixão.

Pois é, minha gente, não dá pra esquecer os pequenos agricultores que vinham cheios de humildade, depois descobri, levando droga pra capital. Não vou esquecer do Kivits com cinquenta quilos de douradinhos. Se fosse hoje não ajudaria vender essa judiaria de peixinhos. Um crime!

Ela ficou desfeita em lágrimas por lembrar as gentes e as manhãs nas quais se despedia de Cristóvão. Lembrava os dias em que ele trazia a melhor carne de Erva Limpa.

— Mulher, dizia, prepara este pedaço de tatu e recheia conforme tua mãe fazia. Duvido que ela fizesse tão bem quanto você faz.

— Não exagere!

— Exagerada é a professora Elvira. Fica falando à toa. Deu pra dizer que não leva dez anos que Rio Fundo vira tapera. E inventa até palavra complicada. Fala que só vão sobrar os calhaus! O que é isso, mulher?

— Pedras, pedreira, cascalho. Acho que é isso. Agora deixa eu preparar a carne.

Assim a gente falava, com as crianças ao redor, loucas pra ver o que o pai havia trazido de Santa Rosa. Queria só saber o que ele dava pra guria que ele teve lá. Às vezes, fico puta da vida por lembrar. Carrego, assim, minha alegria e algumas dores. Me fechei pra tudo que é ruim. Faço como a mulher do Brasil: tem mais Deus pra dá que o diabo pra tirá. Lembro ainda entre os calhaus, como fala a professora Elvira, rica de uma pessoa, o meu caíque cheio de farinha. Da feita em que a gendarmeria me perguntou o que estava fazendo pro lado deles, respondi:

— Nada, senhor!

— Naides viene por nada!

— Yo vengo a descansar, senhor. Por eso no hago nada. Donde es mi casa, mis hijos y mi trabajo son de mucha atención, senhor. Con su permiso ahora me voy a mi casa. Já mamá mi cerveza.

— Hasta luego!

— Buenas.

Aquele dia fiz uma viagem à toa. Voltei sem um pneu pro meu carro. Enquanto falava, fiquei só olhando pros pneus dentro da bodega. Semana seguinte, fui pegar antes que levassem minha encomenda:

— Pois é, Lisandra, é isso: a gente peleia ficando, às vezes, solita — ria consigo.

Tempos depois, entre as brumas que vinham pelo vento da Argentina, perguntavam o que andava fazendo. Respondia se rindo toda.

Ultimamente, umas boas canastras naturais. Só pra incomodar as adversárias. Nunca pensei que perder um filho e o marido pudesse passar. Passou. Pior passa a Ludmila do Pico com todo dinheiro. Eu não sabia do caso do meu veio. Ela sabe, por isso sofre mais.

MAIS UM MORTO DESCE O RIO

Después que uno está perdido

No lo salvan ni los santos.

Foi desse jeito que padre Estêvão lembrou, entre dentes, a Martin Fierro. Santo Deus, divino mestre das situações complicadas, me diga o que fazer.

Voltemos desde o início, que rezar por um morto requer explicar quem seja e como foi a morte.

Dia anterior, serenidade no lugar. A história, vento irresponsável, deixou mal grande parte dos que se foram. Agora, casas de veraneio pra merecidos descansos de gente de Alecrim, de Santo Cristo e de Santa Rosa. As minguadas terras pra dois ou três. Pra Pico havia de sobra e na cova que teria, nenhum proveito haveria. Pra farra de alguns pobres castelhanos, havia adegas e geladeiras cheias. E por conta de alguns brasileiros alguns castelhanos beberam da melhor cerveja. Mas não é hora pra dizer tão pouco. O crime foi grande. Muitos riram, poucos silenciaram. Havia comoção de todos os jeitos. Havia perguntas que o momento requeria: pouca tristeza, por certo.

— Pra que viver assim, tendo raivas no calcanhar? Falou a professora Elvira. Viver assim pra quê, se é pra ter um monte de calhaus no final. Vamos pro início desta morte.

Dia anterior, serenidade no lugar. Nem tanto, havia gente espreitando a melhor tocaia.

Muito serenos, o professor Inácio e o Silvino como último do lugar, apequenado cada vez mais. — Fiquei de cabeçudo — se expressava, rindo de si, como um sábio indulgente.

Assim foi: professor Inácio veio como seguido vinha visitar o lugar pra pescar umas piavas. Levino é que era o companheiro de sempre, uma vez que Nico mais vivia pros lados de Santa Rosa a vender sapatos. Artêmio pouco aparecia. Ninguém mais de sua turma aparecia nestes costados. Apenas as imagens boiavam nas lembranças.

O sol não se pusera por inteiro, já o fundo do vale se fazia escuro. Uma lua se pronunciava enorme sobre o rio quieto. Pescavam e mais pescavam. Um ferrudo aqui, outro maior ali. Esticou-se a linha e um pati macanudo deu os beijos no anzol. Um quilo! O peixe foi trazido entre puxões de resistência. De nada adiantava que o braço era forte. O desejo de ver o que trazia, ainda maior. Quando a morte se acerca de vez não adianta o querer. Roncou o danado reclamando da tábua dura. Assim foi bem mais de hora e meia. Inácio sentiu o anzol preso ao trazer outro animal. Mirou o foco na direção da linha. Um vulto sobre as águas. Tremeu-lhe a mão:

— Não será o índio Raimundo querendo me assustar? — Falou:

— Foca ele! Olha aí, homem, vê se não é gente?

— Tem jeito de ser.

— Lá se foi a pescaria.

— Seja quem for o merda, vou salvar os peixes — reclamou Levino.

— Ergue a poita, vamos ver quem é.

— Viram e mais se assustaram

— É o Pico! Quase gritaram de uma só voz.

— O que tá fazendo aqui? — Perguntou Levino.

— Veio roubar os peixes — afirmou Inácio nervoso.

— Não fale mal do homem. Se em vida era danado, morto pode ser pior.

— Olhemos bem, pode haver engano.

— Tá na cara. A luz do foco é boa — instou Levino.

Foram trazendo pra beira que o homem era de bom tamanho.

— O que vamos fazer? — Perguntou Levino.

— Vou levar os peixes até o Alecrim pra pôr na geladeira da Lisandra. Vou também comunicar o delegado do bichão que pegamos.

— Negativo, não fico solito!

— Ué, não te conheci medroso!

— Vai que volta.

— Vira o homem, Levino! — Solicitou Inácio.

— Olhe só!

— Um tiro um pouco abaixo da paleta — admirou-se Inácio

— Um furinho só.

— Isso foi de um vinte e dois.

— Vou chamar o Cézar, o da casa nova e aproveito pra levar também meus peixes. Você fica, por favor, Levino. O delegado virá em minutos.

— Volte logo, antes que ele fuja.

— Tá brincando.

Inácio saiu até o carro na velocidade de um velho. O fusca não via curva pra levar a notícia em várias casas antes de chegar no Alecrim:

— Mataram o Pico! Mataram o Pico!

Como onda dentro da noite, não fazia uma hora, todos sabiam e repetiam: mataram o Pico! Se fez uma pequena procissão vinda até de Erva Limpa. A notícia era demais pra ficar sem movimento.

Tão ágil como a afirmação se ouvia a interrogação: quem matou o Pico? Isso é coisa pro delegado saber, entretanto, a lista já se compunha de mais de cinco matadores, incluindo uma mulher. Depois dos conformes da lei, aprontaram o homem pra enterrar, sem diferença do Raimundo. Um caixão de primeira apenas se diferenciava.

A Igreja do Alecrim, rangendo gonzos, se abriu. Chovia de uma chuva pesada. Não havia quem se cobrisse bem. Do carro até a igreja, todos se molhavam, mas dizer que algum quisesse respeitá-la estaria mentindo. Murmúrios de morte e fervores comichantes se sobrepunham a toda santidade. Havia um desejo comum pra ver o enterro de Pico, certificando-se da morte.

Ludmila, ao lado do morto, recebia as condolências de maneira serena. Todos sabiam dos sentimentos dela. Entre trapalhadas murmuravam condolências repetitivas pra não soar falso.

Hora da missa. Padre Estêvão pregava:

— Que erga a mão quem não se achar pecador. Não me venham dizer: eu sou melhor que os outros. Cada pecado do mundo poderia ser feito por qualquer um. Também me confesso mau quando reclamo da pouca devoção de minha gente. Fico triste demais quando as terras ficam nas mãos de alguns vivos. Assim, outros ficam a ver as vidas menores que um ninho de tico-tico. Tenho ganas dos males dos outros especialmente quando não se tem misericórdia e sem misericórdia se afana tudo que se vê de bom. Devo ter as mesmas ganas pelos males praticados. E ninguém, então, venha me dizer eu sou o bem. Tenho tristeza funda quando via caminhonadas de farinha, enquanto os pequenos chibeiros se sentiam roubados. Não me tenho por contente enquanto Alecrim não for melhor. Quem quiser poderá pedir de volta a certidão de batismo se não tiverem mais caridade. Não falemos mal que as palavras sempre são brutas quando afligem alguém. Se é pra fazer ou falar mal que cada um fique na sua. Sem dúvidas os pecados de Pico são muitos, os meus também são. Vou tirar de lição de ser melhor pra que não me venham pôr umas balas nas paletas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, façamos o bem e se é pra tirar prazer ou vantagem com a tristeza de alguém, melhor será morrer dignamente que a esporear a vida dos outros. Deus não precisa de nós pra estragar o ar que outros respiram. Enterremos o Pico! Por certo haverá muito bem a se ver nele, mesmo que tivesse defeitos. Que erga a mão quem não se achar pecador.

Enterrado o famoso, por quinze anos comentavam ainda: quem matou Pico? O delegado fez barro e derrapou nos calhaus atrás do assassino. Por serem tantos os suspeitos, depositou nas mãos de Deus castigar o matador.

Apenas Lisandra esnobava:

— Sei bem quem foi o matador. Não digo, nem que a vaca tussa!

Apenas silenciavam as águas. As costas do Rio Fundo ainda perguntavam:

— Quem matou o Pico?

Entretanto, havia a história dos moradores, frutos de uma história em desamparo. O tempo romântico se passara, fazia tempo.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Agostinho é autor de diversas obras literárias e acadêmicas. Participou de diversos livros e revistas de natureza acadêmica, voltados, a maioria, para temas regionais e sobre envelhecimento humano. Após a aposentadoria ocupa seu tempo dedicando-se à criação literária. Tem o prazer de escrever romance, contos e crônicas nos quais expressa suas opiniões de maneira muito própria. Possui um estilo literário livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre com estilo leve e crítico as questões do cotidiano de sua cultura. Acima de tudo busca sua forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Outros resistentes e mais outros engolidos pela história, deixaram um legado de sortes diferentes. Assim se iam os papos: sumindo aos poucos. Por não haver políticas sociais ou as tendo pouco efetivas, resultaram a sementeira de pessoas, desmanchadas, vivendo da frugalidade e do imprevisto. Era disso que mais se falava. O Rio Fundo tornou-se um motivo de lembranças para todos. E entre elas será contada, por muito tempo, a história do fim de Alfredo Mirandola, o Pico.

